

**'TU' OU 'VOCÊ', 'TE' OU 'LHE'? : A CORRELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES
DE SUJEITO E COMPLEMENTO VERBAL DE 2ª PESSOA***

**'TU' OR 'VOCÊ', 'TE' OR 'LHE'? : THE RELATIONSHIP BETWEEN THE FUNCTIONS
OF SUBJECT AND VERB COMPLEMENT IN THE 2ND PERSON**

Márcia Cristina de Brito Rumeu
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
marciarumeu@uol.com.br

Neste trabalho, correlacionam-se quantitativamente as estratégias de referência à 2ª pessoa do discurso (*tu* e *você*) às estratégias de complementação verbal de 2ª pessoa (*te*, *lhe*, *a você*, *para você*, *o/a*, *a ti*, *para ti*). Com base na produção escrita de mineiros e cariocas acompanha-se, no período de 1850 a 1950, não só a produtividade de *tu* e *você*, mas também a diversidade de estratégias de complementação verbal de 2P em estruturas de acusativo, dativo e oblíquo. Os resultados já anunciam os subsistemas tratamentais atualmente consolidados no eixo Minas Gerais-Rio de Janeiro: a prevalência do *você-sujeito* nas cartas mineiras e a variação entre os pronomes-sujeito *tu* e *você* nas cartas cariocas, cf. Lopes *et al.* (2011a). Mostrou-se vigorosa a alternância *te* ~ *lhe* em contexto de dativo, além da alta produtividade do *te* evidenciá-lo como um *prefixo de pessoa*, cf. Castilho (2010), Machado Rocha (2011).

Palavras-chave: alternância *tu/você*, variação *te/lhe*, sistema pronominal.

Keywords: *tu/você* alternation, *te/lhe* variation, pronominal system.

In this paper, the strategies for using the 2nd person in speech (*tu* and *você*) are quantitatively compared with the strategies for use of the verb complement in the 2nd person (*te*, *lhe*, *a você*, *para você*, *o/a*, *a ti*, *para ti*). Through the study of produced writings by *mineiros* and *cariocas* during the period between 1850 and 1950, we studied both the production of *tu* and *você*, as well as the diversity of verb complement strategies in the 2nd person in accusative, dative and oblique cases. The results present the subsystems currently used in the Minas Gerais-Rio de Janeiro region: prevalence of the subject *você* in *mineiro* letters and the variation between the subject pronouns *tu* and *você* in *carioca* letters, cf. Lopes *et al.* (2011a). There was emphatic alternation between *te* ~ *lhe* in the dative context, as well as high production of *te*, used as a *person prefix*, cf. Castilho (2010), Machado Rocha (2011).

(Recibido: 29/1/14; Aceptado: 8/8/15)

* Este trabalho está vinculado ao Projeto *Aspectos morfossintáticos da escrita culta em cartas brasileiras* que recebe apoio financeiro (Demanda Universal) da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), instituição a qual sou grata. Agradeço também a leitura atenciosa deste artigo feita pelo parecerista anônimo da Revista Linguística, sendo, pois, tão somente de responsabilidade da autora os problemas remanescentes.

¹ Participaram desta pesquisa, em diferentes fases, as bolsistas de Iniciação Científica Raíssa Neiva Santos (FALE/UFMG), Amanda Vieira Sollecito (Fapemig/FALE/UFMG).

1. Considerações iniciais:

O objetivo principal deste trabalho é discutir as repercussões da entrada do *você* no sistema pronominal do português brasileiro (doravante PB) a partir da depreensão de resquícios dos atuais subsistemas tratamentais carioca (a alternância *tu ~ você*) e mineiro (prevalência do *você*), no período de 1850 a 1950. Pretende-se, mais especificamente, correlacionar as formas de referência ao sujeito de 2ª pessoa (doravante 2P) *tu* e *você* às estratégias de complementação verbal acusativa, dativa e oblíqua (*te, lhe, a você, para você, contigo, com você*) produtivas em epístolas familiares confeccionadas por cariocas e mineiros, visando a contribuir para o mapeamento das mudanças ocorridas nos sistemas tratamentais do PB ao longo do tempo.

Considerando que vários estudos acerca da reorganização do quadro pronominal do PB evidenciaram que a inserção do *você* no sistema se deu, preferencialmente, nas funções de *sujeito preenchido* e *complemento preposicionado*, cf. Rumeu (2013: 276), justifica-se voltar o escopo desta análise para a correlação entre tais funções no intuito de depreender a relação entre os sujeitos pronominais de 2P *tu* e *você* e as estratégias de complementação verbal de 2P (*te, lhe, a você, para você, contigo, com você*). Nesse sentido, convém esclarecer que a “mistura de tratamentos” (*Você; falou que eu te; veria hoje*) não se aplica aos dados reais de uso da língua, caso se admita que *você* e *te* se identificam em relação ao traço de pessoa semântica (-EU), como já discutido por Lopes *et al.* (2011a: 25). É interessante observar a opinião de linguistas tais como Nascentes (1950, 1956²), Biderman (1972-1973), Cintra (1972), que, preocupados em descrever as formas de tratamento do português, mostraram-se sensíveis às possibilidades de usos das formas *você* e *tu*, atentando também para a correlação de tais pronomes ao *te* no PB.

Na língua do Brasil dá-se frequentemente a mistura de tratamentos. (...) O tratamento de *você* se mistura com o de *tu*. Eu disse que o brasileiro julga bruto o tratamento por *tu*. Julga bruto, porém, no pronome recto. No pronome oblíquo, emprega-o sem sentir brutalidade. Comumente, ouvem-se frases deste teor: “*Você* esteve na praia? Eu também estive, mas não *te* vi lá.” Explica-se facilmente. Como pronome objectivo *te* é mais leve do que *você*. Se se empregasse *você*, a frase ficaria: “Eu também estive, mas não vi *você* lá. Frase pesada. O brasileiro não usa *o, a*, com caso objectivo de *você*. Usa o mesmo *você* do caso sujeito. Há certa repulsa por estas formas átonas. Parecem-nos vazias. (Nascentes 1950: 21)

“No Brasil, ocorreu a substituição do *tu* por *você*, como forma de tratamento familiar e íntima, fato que se deve ter processado na virada do século XIX para o XX. A correspondência de Machado dá testemunho desse fenômeno social e linguístico. Até os anos 70, Machado usava *tu* com os íntimos, de modo geral. No final do século XIX e começo do XX, serve-se quase exclusivamente de *você*. (...) Um século depois, nesse último quartel do século XX, o tratamento de 2.^a p. está quase extinto no Brasil, apesar de vários vestígios. Um deles: o uso do pronome oblíquo *te* e dos possessivos *teu, tua*, etc. no interior do sistema de 3.^a p. (*você*). (...)” (Biderman 1972-1973: 364)

O sistema português (...) parece ligar-se intimamente, por um lado, a uma sociedade fortemente hierarquizada; por outro, a um certo comprazimento, a um certo gosto na própria hierarquização e na matização estilística ou, talvez, a uma dificuldade inconsciente ou subconsciente em aceitar uma nivelção maior realizada através de um processo semelhante ou pelo menos paralelo ao que conduziu, no Brasil, à fixação de um sistema dual, devido à expansão do *você* pelo terreno da intimidade, com prejuízo do *tu*, hoje moribundo e quase reduzido às formas oblíquas: *te, ti*. (No Brasil o sistema está efetivamente reduzido, na língua falada dos cultos e semicultos das grandes cidades, a uma oposição de dois membros: *você/o senhor*.) (Cintra 1972: 15)

² Nascentes (1956: 120), ao discutir o tratamento “*você*” no Brasil, rastreia o surgimento da forma *você* no PB, passando por evidências escritas das formas foneticamente desgastadas de *vossa mercê* até originar o *você* (*vossa mercê, vosmincê, vossuncê, voncê, mincê, mecê, suncê, sucê, oncê, ocê, cê*). É interessante que se observe a exemplificação dada para forma *oncê* em conexão morfossintática com o *te*: “**Oncê**. Forma aferética de **voncê**. Existe em Goiás: *Oncê* não me conhece./Eu *te* dou a conhecê:/Eu chamo mundê armado./Quando dispara, pegou. (A. Americano do Brasil. **Cancioneiro do Brasil Central**, pg. 265)”

Assume-se, pois, que não há mescla de pessoas semânticas distintas na referência ao sujeito de 2P, como é apresentado pelo gramático Rocha Lima (1972: 316), que já incluiu, na edição da sua gramática da língua portuguesa publicada na década de 70 do século XX, *você* e *tu* como formas rectas ou subjectivas de referência à 2P, bem como considerou *te* e *você* como formas oblíquas (objectivas directas), ao lado do *lhe*, a *você* (objectivas indirectas) também na referência à 2P. Desmistificada essa falsa noção de “mistura de pronomes”³ atrelada ao fato de já o discurso gramatical fazer referência à ampla difusão da forma oblíqua *te*, cf. também observaram Cunha e Cintra, ainda que em nota de rodapé⁴ (1985: 284), descrevem-se, neste trabalho, os contextos de complementação verbal em que o *te*, em estruturas de complementação acusativa ou dativa, já alcançava uma alta produtividade, cf. já averiguado por outros estudos sobre o tema, seja em cartas familiares por Lopes *et al.* (2011a), seja em cartas amorosas por Lopes *et al.* (2012), Figueiredo (2013), tentando acompanhar, no eixo do tempo, não só a resistência do *te* como um contexto de retenção do *tu*, mas também o nível de alternância entre as formas *te* e *lhe*. Assumindo como ponto de partida os subsistemas tratamentais atualmente vigentes no Rio de Janeiro (*tu* ~ *você*) e em Minas Gerais (*você*), cf. discutido por Lopes *et al.* (2011a) com base em Scherre *et al.* (2009), conjectura-se a hipótese de que, já na escrita de sincronias passadas do PB, seja possível detectar vestígios desses atuais subsistemas tratamentais. Estudos linguísticos à luz da Teoria da Variação e da Mudança sob a orientação teórico-metodológica laboviana, cf. Lopes *et al.* (2011a), Marcotulio (2010), Rumeu (2013), evidenciaram a produtividade do *te*, seja como complemento dativo ('o prêmio *te dá* água na boca'), seja como complemento acusativo ('o presente *te deixa* com lágrimas nos olhos')⁵ já na escrita íntima brasileira de fins do séc. XIX. Nesse sentido, entende-se que o *te* representa uma evidência da resistência do pronome-sujeito de 2P *tu*. Trata-se de um contexto morfossintático em que o *tu* ainda persiste no sistema pronominal do PB, tanto no espaço mineiro de expressão linguística em que o *você* prevalece como pronome-sujeito de 2P, quanto no espaço carioca em que *tu* e *você* disputam o mesmo espaço funcional como pronomes-sujeito de 2P, cf. discutido por Lopes *et al.* (2011a). Diante dessas justificativas e hipótese estritamente linguísticas usadas na fundamentação do tema deste trabalho, passa-se às motivações de carácter social que orientaram a opção por uma análise contrastiva entre os comportamentos linguísticos de cariocas e mineiros em sincronias passadas do PB.

Os espaços geográficos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais se consolidaram como relevantes espaços para a configuração da história social e linguística do PB. A importância da análise dos dados cariocas fica evidente, ao considerar o fato de o Rio de Janeiro representar a “*capital da Colônia portuguesa desde 1763, e ser uma área cuja linguagem culta tende a apresentar menor número de marcas locais e regionais, com uma tendência universalista, dentro do país*” cf. Leite e Callou (2002: 10), figurando como o centro irradiador de cultura, principalmente, a partir de 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil. Em relação à Minas Gerais, destaca-se o Ciclo

³ Almeida ([1957] 2013: 174) prescreve que para a expressão de um português escorreito, há de se atentar para o cumprimento da relação de concordância entre as formas de tratamento de 3ª pessoa gramatical e os respectivos pronomes oblíquos e pronomes adjetivos possessivos: “É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a uniformidade de tratamento, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos adjetivos possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Se o tratarmos por *Vossa Senhoria*, *Você* diremos o *lhe*, *seu*, *sua* etc.”

⁴ Segundo Cunha e Cintra (1985: 285), na subseção intitulada “Emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa”, tem-se as seguintes informações: “(...) No português do Brasil, o uso do *tu* restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados¹ Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. (...). (¹Ressalte-se, porém que o emprego das formas oblíquas *te*, *ti*, *contigo* apresenta uma difusão bastante maior.) ”

⁵ Essas orações foram divulgadas em ambiência virtual, em 08.08.2013, numa propaganda de um shopping de Belo Horizonte, na época que antecedia o Dia dos Namorados: “Enquanto o presente *te deixa* com lágrimas nos olhos, o prêmio *te dá* água na boca. Dia dos Namorados PÁTIO SAVASSI.” (*grifo nosso*). Considerando que vigora, no espaço mineiro, o sistema tratamental de *você-sujeito*, tem-se, nesse slogan propagandístico, a convivência de *você-sujeito* com o *te-acusativo* e o *te-dativo*.

do Ouro, no século XVIII, como uma importante atividade extrativa no espaço mineiro, responsável por concentrar brasileiros de todas as partes e, conseqüentemente, uma rica pluralidade linguística, cf. Priore e Venâncio (2010: 70-74). A abordagem da alternância *tu* e *você* com base nos dados das produções escritas de cariocas e de mineiros em sincronias passadas é referendada pela relevância social desses estados-exponentes na composição da história linguística e social do PB.

O quadro teórico que conduz este estudo é o da Teoria da Variação e Mudança linguística de orientação laboviana (Labov 1994). Aos dados das formas pronominais de 2P, deu-se um tratamento quantitativo, submetendo-os ao pacote de Programas Goldvarb (Robinson *et al.*, 2001) para o cálculo das frequências de uso das estratégias pronominais de 2P nas funções de sujeito e de complemento em conformidade com as orientações metodológicas de uma pesquisa sociolinguística, cf. Paiva *et al.* (2003), Mollica *et al.* (2004), Guy *et al.* (2007).

Estruturalmente, este texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, retoma-se brevemente a história de inserção do *você* no sistema pronominal do PB, alcançando as estruturas formais de avanço do *você* e de resistência do *tu* que se mostram evidentes no PB atual. A seguir, descrevem-se as amostras de composições epistolares de cunho familiar produzidas, desde 1850 a 1950, por cariocas e mineiros. Na sequência, apresentam-se analiticamente os resultados da dinâmica variável da referência à 2P através das formas *tu* e *você*, bem como a correlação entre as funções de sujeito de 2P e complemento de 2P. Por fim, tecem-se algumas generalizações acerca dos indícios da atual produtividade do inovador *você-sujeito* e do resistente *te-complemento* nas missivas oitocentistas e novecentistas de cariocas e mineiros, visando a uma coerente análise da atual sincronia do PB à luz do seu passado na dinâmica de uma *ars interpretandi*.

2. A inserção do *você* e a retenção do *tu* no quadro pronominal do português brasileiro: os contextos estruturais em foco.

Muitos estudos acerca da variação pronominal de 2P, entre os séculos XVIII e XX, com base em amostras tipologicamente diversificadas tais como cartas (Rumeu 2004, Lopes *et al.* 2005a, Barcia 2006, Lopes *et al.* 2011a, Lopes *et al.* 2011b, Pereira 2012, Silva 2012, Rumeu 2013), bilhetes (Lopes *et al.* 2011c), peças de teatro (Lopes *et al.* 2003, Machado 2006, Machado 2011) e roteiros de cinema (Lopes *et al.* 2005b) evidenciaram as categorias gramaticais de *sujeito* e de *complemento preposicionado* como os contextos através dos quais o *você* se inseriu mais rapidamente no quadro pronominal do PB. Acrescente-se o fato de o segundo quartel do século XX, mais especificamente entre os anos 25 e 45, ter sido o período em que o *Você* se mostrou mais produtivo, especializando-se como *pronome-sujeito* de 2P, cf. Rumeu (2013: 278). Esse lapso temporal coincide com o período em que o PB muda de língua pro-drop, marcada positivamente em relação à produtividade do sujeito nulo [+ suj. nulo] até 1937, para língua não pro-drop, marcada negativamente em relação ao sujeito nulo [- suj. nulo], cf. Duarte (1993: 123). Partindo dessas considerações, justifica-se o direcionamento do foco deste trabalho, nesta seção da análise, estritamente para uma revisão de outros trabalhos que tenham se voltado para as estratégias de sujeito de 2P (*você* e *tu*) e as estratégias de complementação verbal de 2P nas funções acusativa, dativa e oblíqua (*te*, *lhe*, *a você*, *para você*, *contigo*, *com você*) em cartas mineiras e cariocas (1850-1950).

A ausência de “uniformidade de tratamento” é um fato já atestado em alguns trabalhos produzidos com base em dados da fala rural de indivíduos com baixíssimos índices de escolarização das regiões sul (Paraná e Florianópolis), sudeste (Minas Gerais), centro oeste (Goiás) e nordeste (Bahia) do Brasil. No que se refere à fala de indivíduos menos escolarizados, tem-se o estudo Gomes (2003) acerca da expressão do dativo orientado pelos dados da fala carioca do projeto PEUL-

RJ6. Para a fala culta, tem-se as descrições da categoria *pronome* propostas por Moura Neves (2008), Castilho (2010) e Bagno (2011) embasados, principalmente, em dados do Projeto NURC⁷ e do PB contemporâneo escrito. No intuito de explicitar o *status questione* deste trabalho, apresentam-se os resultados de outras análises acerca da dinâmica variável dos pronomes de 2P *tu* e *você* desde os falantes menos escolarizados até os mais escolarizados.

Para a fala rural paranaense, Brito (1999: 60) observou a alternância *te* e *você* com índices de 63,5% e 30%, respectivamente, na posição de objeto, em contextos referenciais de *você-sujeito* de 2P. Em estruturas tais como “*eu vô dá todo apoio pra você_i, te_i pago, pra você pôr ropa, pra você comê*”, Brito observou a variação entre as formas *te* e *você* na função de objeto. Acrescente-se que tais formas pronominais se manifestaram como complemento dativo, contexto de complementação verbal a ser descrito, neste trabalho, para as cartas cariocas e mineiras.

Em relação à fala mineira, apresentam-se os resultados quantitativos de Mota (2008) que entendeu o *tu* como um traço produtivo no contexto rural, mais especificamente de São João da Ponte, no interior de Montes Claros (MG), visto que, com peso relativo de .91, o *te* sobrepôs-se ao *você* em construções do tipo “*Eu vô te piá pelas perna e vô jogá tu dend’água.*”, cf. Mota (2008: 49). Muito interessante também foi a constatação de Mota (2008: 64) para o fato de que o predomínio do *tu* se deu nas relações sociais movidas pela intimidade, dialogando com os resultados de análises diacrônicas com base em bilhetes e epístolas amorosas tais como a de Lopes, *et al.* (2011c), Pereira (2012) e Figueiredo (2013), que já, em inícios do século XX (1908), evidenciaram a prevalência do *tu* em relações sociais centradas na relação de intimidade entre os interlocutores. Ainda para a fala mineira contemporânea, tem-se, segundo Duarte *et al.* (2012: 92), a interpretação de que “As ocorrências de redobro mineira parecem ser bastante produtivas, visto que não causam estranhamento aos habitantes de Minas Gerais.” Tal assertiva se deu também com base na análise qualitativa de construções de redobro pronominal de 2P que envolvem *te* e *você* numa mesma sequência discursiva tais como: “*Eu vou te_i levá ocê_i lá*”, “*Uma coisa eu vou te_i falá com ocê_i*”, “*Eu vou te_i contá pro ocê_i um pouquim da minha vida.*”

No que se refere à fala rural de Goiás, Nascimento (2009: 54) verificou a prevalência da preposição *para* (“*aí depois pegô vendeu ele pra mim*”), em 79% dos dados, na expressão do dativo. Para os clíticos de 1P e 2P, tem-se uma frequência de 15%, seguida pelo zero (\emptyset), em 09% dos dados (“*eu vô ensina \emptyset ocê os remédio, cê mesmo faiz...*”), e pela preposição *a*, em 02% dos dados (“*pede a Deus que é...*”). Em comunidades linguísticas cuja influência do ensino da norma-padrão é baixíssima, evidenciou-se um sistema propenso ao avanço da preposição *para* e à estabilidade do zero (\emptyset) na expressão da complementação verbal dativa.

Na gramática do português afro-brasileiro, representada pelas regiões baianas de Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé, Lucchesi identificou, em relação à 2P do discurso, os seguintes pronomes: *você* e *tu* (sujeito), *te* ~ *lhe* ~ *você* ~ *tu* (objeto direto), *te* ~ *lhe* ~ *a você* (objeto indireto), *pra/com/de você* ~ *com tu* (complemento oblíquo/adjunto adverbial). Interessante observar o *lhe* na funções de objeto indireto (‘eu vô *lhe* contá’) e de objeto direto (‘eu já *lhe* vi’), possibilidades funcionais do *lhe* observáveis não só na norma do português afro-brasileiro, mas também na norma urbana culta do PB. A alternância entre os pronomes-sujeito *tu* e *você* está vinculada ao emprego do *te* nas funções de objeto direto (‘eu vô *te* leva po Cinzento’) e de objeto indireto (‘não *te* dô a conta’), segundo Lucchesi e Mendes (2009: 482). Acrescentem-se ainda os usos do *tu* nas funções de objeto direto (‘só num já matei *tu*’) e complemento oblíquo (‘num falei com *tu*’) levantados não só na fala afro-brasileira, mas também em muitas variedades do português, o que, segundo os autores, está associado a uma *mudança crioulizante de eliminação da flexão de caso dos pronomes pessoais*.

⁶ Projeto de Estudos sobre o Uso da Língua.

⁷ Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta.

Para a fala carioca, tem-se a contribuição de Gomes (2003) que, ao se voltar para a expressão do dativo no PB, chega a identificar um dilatado leque de estratégias de referência à 2P: *você* e *tu*, para o nominativo; *te*, *lhe*, *você* para o acusativo e *te*, *lhe*, *a ~ para você* para o dativo. Em relação à fala carioca, verificou-se o desuso do *lhe*, marcado como expressão de formalidade, cf. Ramos (1998).

A análise da alternância entre as preposições *a* e *para*, em sintagmas preposicionados, e zero (\emptyset) que complementem verbos bitransitivos (“*E pede um comprovante ao presidente do morro, né?*”, “*Ela disse os piores nomes feios para o meu filho.*”, “... ensinar \emptyset o povo regras básicas de saneamento”) evidenciou se tratar de uma mudança em progresso a favor da preposição *para*, o que legitima que também se busque, neste trabalho, o controle da alternância entre as formas *a você ~ para você* em estruturas de complementação dativa de 2P do discurso.

Com base na análise da fala das cinco cidades brasileiras que integram o Projeto NURC (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife), entre os anos de 1970 e 1978, Moura Neves (2008: 524) observou maior produtividade do *você-sujeito*, em 99,75% dos dados em contraposição a somente 0,25% de ocorrências de *tu-sujeito* na fala de Porto Alegre.

Acerca dos índices de 2P na função de complementação verbal, Bagno (2001: 753) esclarece que, nas regiões norte e nordeste do Brasil, é produtivo o *lhe* correlacionado a contextos de *tu-sujeito*, ao passo que, nas regiões sul e sudeste, o *te* é o índice de 2P que prevalece tanto em contextos do *tu-sujeito* (sul), quanto em contextos de *você-sujeito* (sudeste): “*Doc: você comeu muito brigadeiro? (...) Doc: não te serviram?*” (NURC/SP/234); “*Inf. Roda viva você assistiu? (...) Inf. (...) eu te falei da peça*” (NURC DID SP/234).

Para sistematizar os indicadores da 2P nas funções de sujeito e complemento produtivos no discurso menos monitorado do PB, Bagno (2011) compôs o seguinte quadro.

INDICADORES DA 2ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
discurso -monitorado									
SUJEITO		OBJETO DIRETO		OBJ. INDIRETO		REFLEXIVO		COMPL. OBLÍQUO	
sing.	pl.	sing.	pl.	sing.	pl.	sing.	pl.	sing.	pl.
você	vocês	te	vocês	te	pra/a vocês	se	se	você	vocês
ocê	ocês	lhe	ocês	lhe	procês	te		ocê	ocês
cê	cês	o/a/os/as	o/a/os/as	pra/a você				ti	
tu		você		procê				(contigo)	
ti		ocê						tu	
		tu							

Quadro 1: Indicadores da 2ª pessoa no português brasileiro, cf. Bagno (2011: 746)

Castilho (2010: 477, 482), ao descrever o quadro de pronomes pessoais do PB, para as seis pessoas do discurso, atenta para a conversão da forma *você* > *ocê* > *cês* e para a interpretação dos clíticos *te* e *cê* (*você*) como morfemas prefixais de pessoa no PB informal: ‘*você vai*’ > ‘*cêvai*’; ‘*vocês vão*’ > ‘*cêsvão*’; ‘*te encontrou*’ > ‘*tincontrô*’. Expõem-se, a seguir, as formas pronominais relacionadas à 2P do singular nas funções de sujeito e complemento nos registros formal e informal do PB, à luz de Castilho (2010).

⁸ A forma *ocê* além de poder funcionar *pronomes-sujeito* de 2P, pode funcionar em estruturas de complementação verbal na forma de um sintagma preposicionado (“*ele precisa docê*”, “*ele vai cocê*”, “*isto é procê*”), cf. exposto por Castilho à luz da discussão de Vitral e Ramos (2006).

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	SUJEITO	COMPLEMENTO	SUJEITO	COMPLEMENTO
2ª pessoa sg.	tu, você, o senhor, a senhora	te, ti, contigo, Prep. + o senhor, com a senhora	você/ocê/tu	você/ocê/cê, te, ti, Prep. + você/ocê (= docê, cocê)

Quadro 2: Os pronomes pessoais no PB, cf. Castilho (2010:477)

Considerando as diversificadas estratégias de referência ao sujeito de 2P *tu* e *você* e dos *pronomes-complemento* de 2P (*te, ti, contigo, sprep+ti*) e de 3P (*lhe, sprep+você, lhe, o/a/os/as*), busca-se, neste trabalho, responder as seguintes questões:

- (1) As cartas mineiras e cariocas, entre 1850 e 1950, já evidenciariam os subsistemas tratamentais atualmente vigentes na atual sincronia do PB: Minas Gerais (*você*) e Rio de Janeiro (*você ~ tu*)?
- (2) Qual seria o grau de produtividade dos clíticos *te* e *lhe* em missivas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas? E essa produtividade prevaleceria em cartas de *tu-sujeito*, de *você-sujeito* ou mistas?
- (3) Qual seria a relação entre o avanço do *você-sujeito* e a retenção do *te-complemento* em missivas cariocas e mineiras trocadas entre 1850 e 1950?

3. As amostras de escrita epistolar brasileira: as cartas cariocas e mineiras (1850 - 1950)

Este trabalho toma por base *corpora* constituídos por cartas pessoais produzidas por mineiros e cariocas em relações sociais de intensa intimidade entre os seus interlocutores no período de 1850 a 1950. A assimetria entre as amostras de missivas mineiras (63 cartas) e cariocas (65 cartas) se deu em razão de o linguista-pesquisador preocupado com fenômenos linguísticos variáveis em sincronias passadas ficar sempre à mercê dos documentos que sobreviveram à ação do tempo no interior dos arquivos públicos e particulares, como já discutido por Rumeu (2013) à luz de Lobo (2001). Assim sendo, mantendo-se ciente dos limites que os *corpora* impõe ao trabalho na perspectiva da sociolinguística histórica, segue o linguista-pesquisador buscando, à luz de teoria e metodologia específicas, melhor descrever e analisar fenômenos de variação e mudança não só estruturalmente, mas também socialmente encaixadas (como é o processo de pronominalização do *você* e as suas consequências na reorganização do sistema pronominal do PB), mesmo que fundamentado em amostras de cartas ainda não irretocavelmente equilibradas não só em relação aos lapsos temporais, mas também em relação à distribuição diatópica das missivas.

Neste trabalho, estão assim organizadas as amostras: nove cartas mineiras e doze cartas cariocas, para a 2ª metade do século XIX (1850-1901, fase I), vinte e seis e vinte e oito missivas, respectivamente, para os períodos de 1902-1927 (fase II) e 1928-1950 (fase III). As missivas mineiras e cariocas em análise estão distribuídas em relação aos intervalos temporais de cinquenta anos para a fase I (1850-1901), vinte e cinco anos para a fase II (1902-1927) e vinte e dois anos para a fase III (1928-1950), perfazendo o total de cento e vinte e oito (128) epístolas especificadas, no quadro 3, não só no que se refere aos intervalos de tempo (9duas gerações (50 anos) para fins do século XIX, uma geração para o 1º quartel do século XX (25 anos) e praticamente mais uma geração para o 2º quartel do século XX (22 anos)), mas também em relação às origens (mineira e carioca) dos escreventes.

⁹ Labov (1981: 177 *apud* Paiva e Duarte, 2003: 22) acredita que a percepção da mudança em progressão possa se dar no intervalo ideal mínimo de meia geração (12 anos) e máximo de duas gerações (50 anos).

PERÍODOS	CARTAS MINEIRAS	CARTAS CARIOCAS	TOTAL
FASE I (1850-1901)	09	12	21
FASE II (1902-1927)	26	26	52
FASE III (1928-1950)	28	27	55
TOTAL	63	65	128

Quadro 3: A distribuição das cartas mineiras e cariocas por fases entre 1850 e 1950.

Para as sessenta e três cartas mineiras, têm-se as missivas pessoais (familiares e de amizade) do Fundo Barão de Camargos conservadoramente editadas por Chaves (2006) e confeccionadas, segundo Chaves, por mãos seguramente mineiras. Ainda para as cartas mineiras, foram utilizadas as missivas familiares trocadas entre a poetisa mineira Henriqueta Lisboa e os seus entes, tais como os seus pais e irmãos. As missivas foram cuidadosamente organizadas e editadas por Rumeu¹⁰ com fac-símile e de forma diplomático-interpretativa, visando especificamente aos estudos linguísticos. Para as sessenta e cinco cartas cariocas, têm-se as cartas familiares trocadas entre os Pedreira Ferraz-Magalhães (cartas entre pais e filhos, entre irmãos e entre tios e sobrinhos) editadas e publicadas por Rumeu (2013). Isso posto, justifica-se o conservadorismo assumido no que se refere à edição de *corpora* históricos como uma consciente opção do linguista-pesquisador que ao transcrever textos antigos, absteve-se de propor qualquer tipo de interferência na expressão escrita dos missivistas tais como em relação às atualizações de acentuação, pontuação e grafia.

Considerando que análises linguísticas na perspectiva diacrônica acabam por requerer do linguista-pesquisador a construção de amostras de realidades linguísticas pretéritas que se mostraram resistentes à ação do tempo no interior dos arquivos, cf. discutido por Labov (2004), Conde Silvestre (2007), legitima-se que o presente seja assumido como ponto de partida para a reconstrução do percurso trilhado pela mudança no intuito de desvelar a realidade histórica de sincronias passadas e de compreender a atual sincronia do PB à luz dos princípios da sociolinguística histórica, cf. Romaine (1982), Lobo (2001), Conde Silvestre (2007), Hernàndex-Campoy e Conde Silvestre (2014). Nesse sentido, cabe ao linguista-pesquisador empenhar-se no refinamento metodológico de seleção e análise dos textos antigos com a intenção de identificar para dissociar os traços específicos do vernáculo do PB daqueles possíveis traços linguísticos idiossincráticos do autor do manuscrito ou próprios do gênero textual *carta*, cf. discutido por Rumeu (2013: 111). Trilhando essa perspectiva, a edição das cartas que embasam este trabalho foi conduzida pelos seguintes procedimentos metodológicos: (I) a organização de amostras textuais diacrônicas formadas por *cartas pessoais*, o que se justifica por se tratar de produção textual menos “cuidada” à luz dos preceitos da *norma subjetiva* (cf. Cunha 1985: 52), figurando, pois, como textos mais desvinculados da pressão da norma-padrão, tendo em vista, sobretudo, a fluidez da intimidade do discurso; (II) a elaboração de conservadoras edições filológicas de amostras textuais históricas do português; (III) a preferência por manuscritos certificadamente autógrafos; (IV) a (re)construção do perfil social dos informantes, controlando as categorias sociais como a origem (*nacionalidade* e *naturalidade*), a filiação, o gênero (*sexo*), a faixa etária, o nível de escolarização e a representação social (a atividade profissional) do escrevente-informante.

Tendo em vista a caracterização dos *corpora* analisados neste trabalho, bem como a exposição dos critérios de construção das amostras de missivas que conduziram esta análise, passe-se à exposição-analítica dos resultados gerais não só relacionados às formas de 2P na posição sintática de sujeito, mas também vinculados às formas variantes dos pronomes-complemento de 2P nas missivas mineiras e cariocas produzidas entre 1850 e 1950.

¹⁰ As cartas familiares da Coleção Henriqueta Lisboa encontram-se sob a guarda do Acervo dos Escritores Mineiros (FALE/UFMG).

4. A representação do sujeito de 2P: a distribuição geral de *tu* e *você* nas cartas cariocas e mineiras dos séculos XIX e XX (1850-1950).

Diversos estudos evidenciaram as posições de *sujeito preenchido* e de *complemento preposicionado* como as *portas de entrada* do *você* no sistema pronominal do PB, cf. Rumeu (2013: 276), Machado (2006, 2011), Lopes *et al.* (2011a), Barcia (2006). Com as inserções do *você* (em alternância com o *tu*) e do *a gente* (em alternância com o *nós*), a improdutividade do *vós* e a consequente perda da riqueza flexional dos verbos, passa-se a se fazer necessária a expressão do sujeito em sua forma plena. A prevalência de sujeitos pronominais plenos é um fenômeno de mudança em progresso atestado por Duarte (1993) em amostras de peças teatrais brasileiras. A análise da autora permitiu acompanhar diacronicamente a mudança linguística pela qual passou o PB, no que se refere à marcação do parâmetro *pro drop*, passando a ser negativamente marcado [-*pro drop*] e, portanto, a privilegiar a expressão plena do sujeito. Para a expressão do sujeito de 2P, Duarte (2012: 23) constata que os seus índices de expressão plena passaram de 31%, entre 1928-20, a 75%, entre 1933-44, mantendo a sua alta produtividade entre 80% e 78%, no período de 1976-92. O fato de o PB ter reorganizado o seu sistema pronominal e, conseqüentemente, ter passado a expressar plenamente o sujeito, a partir dos anos 30 do século XX, cf. Duarte, se coaduna com as conclusões de Rumeu (2013) acerca do período entre os anos 25 e 45 do séc. XX como o momento em que o *você* passou a assumir um comportamento de legítimo pronome de 2P, em alternância com o *tu*, já destituído, pois, da potencialidade máxima do caráter de deferência e respeito que está na sua origem nominal (*vossa mercê*). Mediante essas constatações acerca da inserção do inovador *você* no sistema pronominal brasileiro e das suas repercussões na marcação do parâmetro *pro-drop* (+*pro-drop* > -*pro-drop*), justifica-se voltar o foco desta análise, com base na tabela 1, para a expressão do *você-sujeito*, em cartas mineiras e cariocas, no período de um século (1850-1950) no intuito de acompanhar o gradualismo da mudança linguística.

ESTRATÉGIAS DE REFERÊNCIA AO SUJEITO DE 2ª PESSOA (1850-1950)		A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO DE 2P		TOTAL
		SUJEITO NULO	SUJEITO PLENO	
VOSSA MERCÊ	MG	09/18 (50%)	09/18 (50%)	18/141 (13%)
	RJ	28/102 (27%)	74/102 (73%)	102/141 (72%)
VOCÊ	MG	42/121 (35%)	79/121 (65%)	121/280 (43%)
	RJ	21/21 (100%)	-	21/141 (15%)
TU	MG	158/159 (99%)	01/159 (01%)	159/280 (57%)
	RJ			

Tabela 1: O preenchimento do sujeito de 2P em cartas cariocas e mineiras: 1850-1950.

No cômputo geral, constatou-se que as cartas mineiras e cariocas se diferenciaram quanto aos sistemas de referência ao sujeito de 2P. Inicialmente, observou-se que somente as cartas mineiras evidenciavam ocorrências da forma nominal de tratamento *vossa mercê* que, por sua vez, ainda que com uma baixíssima produtividade (somente em 13% dos dados equivalentes a 18 ocorrências), dividiu o seu espaço funcional com as formas pronominais de referência à 2P *tu* e *você*. Em relação à representação do *vossa mercê*, observou-se uma distribuição equânime entre as expressões nula e plena nas cartas analisadas, como se ilustra em (01) e (02), o que parece evidenciá-la como uma *forma pronominal de tratamento*, cf. Rumeu (2004). Trata-se de uma forma nominal em processo de mudança categorial, deixando entrever, pois, não só a manutenção de um traço nominal que é a sua expressão plena, mas também a aquisição de um traço pronominal que é a possibilidade de ter o seu sujeito resgatado na morfologia do verbo na 3ª pessoa do singular.

01. “(...) como *vossa merce* tem de tirar dinheiro da CEF, rogo-lhe o favor de ϕ tirar já sessenta mil reis para me ϕ emprestar (...)” (RJFB. Ouro Preto, MG, 22.05.1855.)

02. “(...) peço a *vossa merce* para ϕ fazer me o favor de ϕ mandar para mim (...)” (MAS. Camargos, MG, 15.02.1877.)

Nas cartas mineiras, identificou-se a prevalência do *você*, com uma produtividade de 72% (102 ocorrências), ao passo que, nas cartas cariocas, o *tu* foi o preferido em 57% dos dados (159 ocorrências). Com relação ao preenchimento do sujeito, houve a preferência, tanto nas cartas mineiras, quanto nas cartas cariocas, pelo *você pleno* com altas frequências de usos, 73% e 65%, respectivamente, como se nota em (03) e (04). Tal fato encontra respaldo na história de formação do *você*, ou seja, no fato de o *você* ter a sua origem na forma nominal de tratamento *vossa mercê* cuja expressão plena nada mais é do que a conservação de um traço de sua origem nominal que ainda persiste no PB, cf. Rumeu (2012). Por outro lado, o *tu* se mostrou quase que categoricamente *nulo*, com frequências de 100% e 99%, nas duas amostras analisadas, comportamento típico de um legítimo pronome que tende a acionar a morfologia verbal para marcar a referência ao sujeito de 2P, como se observa em (05) e (06).

03. "... enquanto acasa que *voce* mora amiassa próxima ruina ... portanto hé de ... necessidade que *voce* saia dela para não acabar desgraçadamente debaixo de suas ruínas ..." (AR. MG, 20.05.1855. (carta carioca))

04. "... Já *Você* percebe que se tracta de algum patronatoninho. ..." (FO. RJ, 08.04.1869. (carta carioca))

05. "... Pois a mim é como ϕ sabes sempre para os lados alhéios ..." (A. Ponte Nova, MG, 20.09.1904. (carta mineira))

06. "... Heide tambem enviar te um dicionario em portugues para ϕ acertares, no escrever ..." (JP. Linda Vista, RJ, 26.07.1885. (carta carioca))

Com o intuito de alcançar a gradual inserção do *você* no sistema pronominal do PB, com base na análise de epístolas mineiras e cariocas, observem-se os gráficos 1 e 2 a partir dos quais se esboça a dinâmica variável das formas de referência ao sujeito de 2P *vossa mercê* (somente em MG), *você* e *tu* (em MG e no RJ) no decorrer dos seguintes lapsos temporais: entre 1850 e 1901 (fase I), entre 1902 e 1927 (fase II) e entre 1928 e 1950 (fase III).

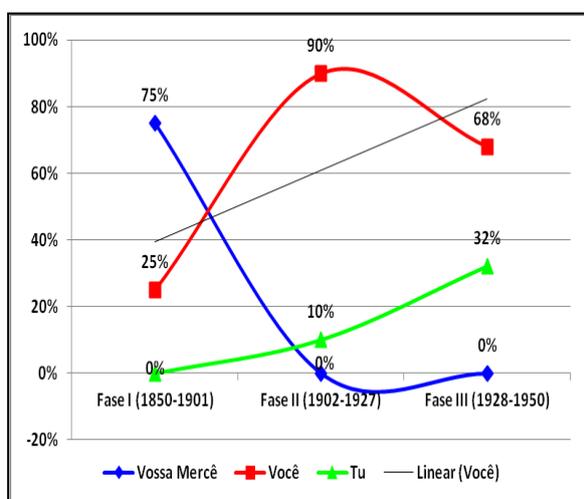


Gráfico 1: As formas *vossa mercê*, *você* e *tu* na função de sujeito na escrita mineira.

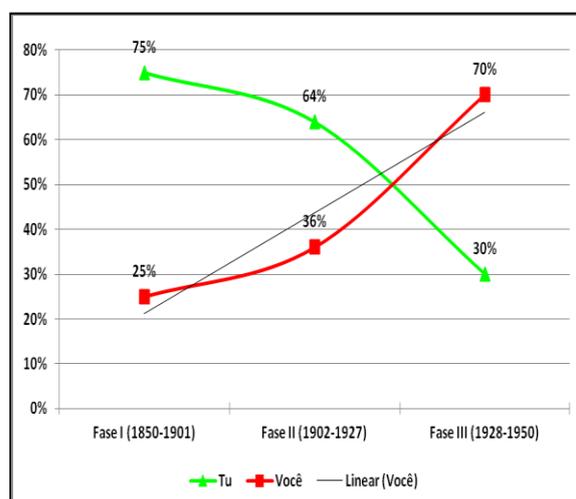


Gráfico 2: As formas *tu* e *você* na posição de sujeito na escrita carioca.

De um modo geral, os gráficos 1 e 2 mostram uma curva de ascendência do *você*. A análise contrastiva entre as cartas mineiras e cariocas trocadas entre 1850 e 1950 evidenciou as duas formas envolvidas no processo de pronominalização em questão: *vossa mercê* (forma-origem) e *você* (forma-produto). Entre os anos de 1850 e 1901 (fase I), nas cartas mineiras, o *vossa mercê* se mostrou com 75% de produtividade (18 ocorrências), convivendo com a sua contraparte gramaticalizada *você* que, por sua vez, apresentou uma frequência de uso de 25% (06 ocorrências), como se pode observar em (07) e (08). A partir de 1902, nas cartas mineiras, observa-se que começa a ser delineado um outro sistema tratamental que passa a contar com uma maior produtividade do

você (90% - 66 ocorrências), abstendo-se totalmente do *vossa mercê*. Entre 1902 e 1927, o *tu*, ainda que com 10% de frequência de uso (07 ocorrências), dá sinais de convivência com o inovador *você*, nas cartas oitocentistas analisadas, cf. se verifica em (09) e (10). Na terceira fase controlada (1928 - 1950), as formas *você* e *tu* se mostraram como as mais produtivas formas variantes de referência ao sujeito de 2P, como se nota em (11) e (12). O *você* com uma produtividade de 68% (30 ocorrências) se sobrepôs ao *tu*, que se mostrou, na escrita mineira da 1ª metade do século XX, com uma frequência de 32% (14 ocorrências). Na atual realidade linguística mineira, o *você* prevalece, ao passo que o *tu* se mantém em algumas ilhas linguísticas da qual a cidade de São João da Ponte, com um índice percentual de 04% de *tu-sujeito* (19 ocorrências de um total de 509 dados), é uma representante, cf. Mota (2008:60-61).

07. "... para *vossa merce* me fazer o favor de me mandar..." (AMGC. MG, São Caetano, 09.11.1891.)
08. "... enquanto acasa que *voce* mora amiassa próxima ruina... portanto hé de ... necessidade que *voce* saia dela para não acabar desgraçadamente debaixo de suas ruínas ..." (AR. MG, 20.05.1855.)
09. "... a mim é como ϕ sabes ... Queria mandar-te um jornalzinho daqui... para *voce* apreciar, mas emprestei-o..." (A. MG, Ponte Nova, 20.09.1904.)
10. "... Arlindo... eu não escutei os teus conselhos *você* bem me avizou..." (MEVB. MG, Gama, 05.07.1904.)
11. "... Estou em falta contigo, não tendo ainda agradecido o livro que nos ϕ enviastes ..." (MLB. MG, Lambari, 04.08.1941.)
12. "... e você, quando nos dará o prazer de uma visita?..." (CL. MG, Lambari, 20.04.1950.)

Nas cartas cariocas da fase I (1850 e 1901), verifica-se que o *tu* prevalece em 75% dos dados (33 ocorrências), ainda que o inovador *você* já se mostre, em 25% deles (11 ocorrências), como se verifica de (13) a (15). A medida que a 1ª metade do século XX vai se encaminhando, o *tu* vai perdendo espaço funcional (64% (104 ocorrências) → 30% (22 ocorrências)) em favorecimento do *você* que chega a assumir, entre 1902 e 1950, uma frequência de 70% (51 ocorrências), como está ilustrado de (16) a (18). Interessante é observar que, entre 1928 e 1950, os missivistas mineiros e cariocas assumem comportamentos percentualmente semelhantes, visto que a produtividade do inovador *você* fica em torno dos índices de 68% e 70%. Em relação ao contexto linguístico mineiro, outros trabalhos, que avançaram até os anos 70 do século XX, chegaram a evidenciar a produtividade categórica do inovador *você*, caracterizando a realidade linguística mineira atual, cf. Figueiredo (2013), o que já está, de certo modo, anunciado no gráfico 1. Para as cartas cariocas, a prevalência do *você* ainda que em convivência com dados de *tu* (59,6% para o *tu* versus 40,4% para o *você*), foi também registrada por Souza (2012:89), nos anos 30 do século XX, com base em cartas cariocas familiares.

13. "... para reconhecer quanto ϕ és boa e como ϕ és amiga do teu Papae Pedreira, que é todo teu." (JP. RJ, Linda Vista, 26.07.1885. (carta carioca))
14. "... O meu cunhado e amigo Jarbas não tendo a fortuna de viver intimamente com *Você* pensa que precisa de recommendação nossa! Escrevo-lhe dizendo lhe que *Você* he seu amigo ..." (FO. RJ, 31.05.1869. (carta carioca))
15. "... Foi bom, *Você* voltar ... *Você* va pedindo a mamãe... que lhe ensine a ler e escrever para com o tempo sustentarmos uã grande correspondência" (JP. RJ, 15.04.1886. (carta carioca))
16. "... Quando *Você* chegar ao seu destino..." (MJ, 16.01.1912 (carta carioca))
17. "*Você* meu irmão querido deve ter compreendido, que ... faltas desejo trabalhar pela minha santificação." (MR. La Plata, 01.02.1948. (carta carioca))
18. "*Você* dirá ... arroubos de Jovem... *Você* me entende!" (MJ. RJ, 27.04.1933. (carta carioca))

Em síntese, observa-se que, nas cartas mineiras, o *você* parece ter se fixado no sistema pronominal, *pari passu* o *vossa mercê*, que ainda no século XIX era usado, tornou-se improdutivo.

A produtividade do *você* e a concomitante improdutividade do *vossa mercê* já evidenciavam, na escrita mineira oitocentista, indícios do atual subsistema tratamental – o subsistema de *você-sujeito*: a preferência mineira pelo *você* (e variações *ocê*, *cê*) para evocar o sujeito de 2P do discurso, cf. já discutido por Lopes *et al.* (2011a), Lopes *et al.* (2013), à luz de Scherre *et al.* (2009). Nas cartas cariocas, não há dados de *vossa mercê*, mas, já na 2ª metade do século XIX, há indícios do atual sistema tratamental carioca: a variação *tu* e *você* na posição de sujeito de 2P.

5. As formas variantes dos pronomes-complemento de 2P nas cartas mineiras e cariocas oitocentistas e novecentistas.

O objetivo principal desta seção é expor os resultados gerais relacionados às formas variantes de pronomes-complemento de 2P nas funções sintáticas de *acusativo*, *dativo* e *oblíquo*, cf. Duarte (2003).

Entende-se por construções *acusativas* aquelas cujas estratégias pronominais de 2P complementam o verbo no exercício da função sintática de *objeto direto*. Projetado por predicadores verbais de dois ou três lugares, o objeto direto, expressão do caso acusativo latino, denota o papel temático de paciente ou tema, além de não ser regido por preposição e somente ser cliticizável na forma dos pronomes oblíquos átonos *o/a* (e flexões de número *os/as*), cf. Mateus *et al.* (2003: 163). À luz da tradição gramatical, o *te* é o pronome-complemento que se correlaciona simetricamente ao pronome de referência ao sujeito de 2P *tu*. No entanto, a inserção do *você* no sistema pronominal do PB impulsionou uma fusão de paradigmas, licenciando assim a quebra da “uniformidade tratamental”, uma vez que formas pronominais de 2P e 3P (*te* ~ *lhe* ~ *o/a* ~ *você*) podem ocupar o mesmo espaço funcional numa estrutura de complementação acusativa de 2P, como se observa de (19) a (24).

19. “... irei logo te ver...” (ZC. Rio de Janeiro, 27.11.1912. (carta carioca))
20. “... de alegria por lhe ver tão contente e feliz...” (MB. São Paulo, 22.10.1925. (carta carioca))
21. “... Madre Visitadora que me diz que sentirá muito de ir sem vel-a.” (MB. Mosteiro do Bom Pastor, RJ, 29.07.1906. (carta carioca))
22. “... e brevemente mandarei xamar voce e o Souza...” (FXR. MG, São Caetano de Mariana, 16.02.1917. (carta mineira))
23. “... por isso ainda não te xamei...” (FXR. MG, São Caetano de Mariana, 16.02.1917. (carta mineira))
24. “... a nave que você pilota há de erguer voo seguro elevando você às alturas...” (JLJ^r. MG, Lambari, 23.10.1924. (carta mineira))

As estruturas *dativas* de complementação de 2P contemplam parte das estruturas tradicionalmente identificadas como *objeto indireto* que, por sua vez, assim são denominadas por estarem vinculadas a um verbo (indiretamente) através da preposição. Concebe-se como complemento *dativo* o termo regido por preposição, cliticizável em um *lhe*, projetado por um predicador verbal de dois ou três lugares, denotando o alvo, a fonte ou o beneficiário da ação com o traço semântico [+ animado], cf. Mateus *et al.* (2003:165-167). Neste trabalho, as formas dativas de 2P variantes *te* ~ *lhe* ~ *o/a* ~ ϕ ~ *a/para você* ~ *a ti* ~ *para ti* mostram, cf. se verifica de (25) a (33), a fusão de paradigmas pronominais como uma evidência de um processo de mudança categorial (*vossa mercê* > *você*) que, por sua vez, como um legítimo processo de mudança além de não ser abrupta, não se instaura em todas instâncias da língua ao mesmo tempo. É um processo gradual e paulatino que permite entrever não só traços da categoria-origem (traço de concordância verbal com formas de 3P), mas também traços da categoria-produto (referência à 2P do discurso), cf. discutido por Hopper (1991) em relação ao princípio da *decategorização*.

25. "... que me veio trazer tanta alegria, a qual agradeço ϕ immensamente..." (H.L. MG, Campanha, 22.04.1917. (carta mineira))
26. "... venho agradecer-te muito a optima lembrança..." (Sinhá, s.l, 18.07.1937. (carta mineira))
27. "... Muito agradeço a voce, mamãe e..." (MLB. Lambari, 03.10.1948. (carta mineira))
28. "... Agradeço-lhe a remessa dos cartões..." (JCL. RJ, 09.10.1947. (carta mineira))
29. "... eu escrevi para voce mas nao pude..." (MM. São Caetano, 27.04.1907. (carta mineira))
30. "... ainda não te escrevi porque..." (AR. 10.02.1912. (carta mineira))
31. "... Fina é hora do trem queria escrever para voce mais não posso." (MPR. Mariana, 13.09.1921. (carta mineira))
32. "... levarei alguma lembrança para ti e teus maninhos." (JP. RJ, 08.07.1895. (carta carioca))
33. "... enviamos muitas saudades a ti" (MPG. MG, São caetano, 26.02.1908. (carta mineira))

As estruturas *oblíquas* se assemelham às estruturas *dativas* pelo fato de também serem regidas por preposição. Por outro lado, muitas são as dessemelhanças entre essas duas estruturas.

Formalmente, os *oblíquos* não ativam a cliticização além de corresponderem à sintaxe dos casos *genitivo* e *ablativo* latinos. Sintaticamente, as formas oblíquas não exercem relações gramaticais centrais, visto que não são argumentos verbais obrigatórios tais como o objeto direto (caso acusativo) e objeto indireto (dativo).

Concebem-se, à luz de Mateus *et al.*, (2003: 169-170) os *oblíquos* como os complementos que articulados a um predicador verbal, na forma de SPREPs não-dativos, complementa-o de forma nuclear (oblíquo nuclear) ou de forma opcional (oblíquo não nuclear), projetados estes, pois, no nível da adjunção. O oblíquo nuclear corresponde ao rótulo de complemento relativo, cf. Rocha Lima (1972). De (34) a (40), expõem-se ocorrências de estruturas de complementação oblíquas estruturadas por *sprep+você*, *para você*, *sprep. + tu*, *a ti* e *para ti* levantadas nas cartas.

34. "O meu cunhado e amigo Jarbas não tendo a fortuna de viver intimamente com Você..." (FO. RJ, 31.05.1869. (carta carioca))
35. "... e para voce tem cem cruzeiros..." (Sinhá. 29.12.1944. (carta mineira))
36. "... Tia Mimi me telephona sempre e pergunta todas as vezes por Você" (MJ. RJ, 05.09.1933. (carta carioca))
37. "... mas é para meu conforto, que muito preciso de ti." (MJ. PE, Recife, 20.06 e 08.08.1928. (carta carioca))
38. "... é estar no logar que Deus escolheu para ti no concerto..." (JP. Vila Antonio Dias, MG, 21.09.1925. (carta carioca))
39. "... Estou me unindo bem a ti." (ZC. RJ, 27.11.1912. (carta carioca))
40. "... De ti depende agora" (JCP. RJ, 18.12.1896. (carta carioca))

Expõe-se, a seguir, a tabela 2 com a quantificação de todas as ocorrências de formas variantes de pronomes-complemento de 2P levantadas nas amostras de cento e vinte oito cartas produzidas, entre 1850 e 1950, por mineiros e cariocas.

FORMAS DE 2P FUNÇÕES	ACUSATIVO		DATIVO		OBLÍQUO		TOTAIS		
	MG	RJ	MG	RJ	MG	RJ	MG	RJ	
TE	22/28 (79%)	62/80 (78%)	43/113 (38%)	98/163 (60%)	-	-	65/153 (42%)	160/271 (59%)	225/424 (53%)
LHE	01/28 (3,5%)	07/80 (09%)	30/113 (26,5%)	61/163 (37,6%)	-	-	31/153 (20%)	68/271 (25%)	99/424 (23%)
VOCÊ	02/28 (07%)	-	-	-	-	-	02/153 (1,3%)	-	02/424 (0,5%)
O/A	01/28 (3,5%)	11/80 (13%)	-	-	-	-	01/153 (0,6%)	01/153 (0,6%)	12/424 (2,8%)
ZERO	-	-	16/113 (14%)	01/163 (0,6%)	03/113 (03%)	-	16/153 (10,5%)	01/271 (0,3%)	17/424 (4,3%)
PARA VOCÊ	-	-	03/113 (03%)	-	02/12 (17%)	04/28 (14%)	05/153 (3,2%)	04/271 (1,4%)	09/424 (2,1%)
A VOCÊ	-	-	09/113 (08%)	02/163 (1,2%)	-	-	09/153 (6%)	02/271 (0,6%)	11/424 (2,6%)
SPREP + TU	-	-	-	-	02/12 (17%)	10/28 (36%)	02/153 (1,3%)	10/271 (4,0%)	12/424 (2,8%)
SPREP + VOCÊ	-	-	-	-	07/12 (58%)	12/28 (43%)	07/153 (5%)	12/271 (4,4%)	19/424 (4,5%)
A TI	-	-	02/113 (02%)	-	-	01/28 (3,5%)	02/153 (1,3%)	01/271 (0,3%)	03/424 (0,7%)
PARA TI	-	-	-	01/163 (0,6%)	-	01/28 (3,5%)	-	02/271 (0,6%)	02/424 (0,5%)
A V.M.^{ce}	01/28 (3,5%)	-	04/113 (3,5%)	-	-	-	05/153 (3,2%)	-	05/424 (1,2%)
SPREP + V.M.^{ce}	-	-	-	-	01/12 (08%)	-	01/153 (0,6%)	-	01/424 (0,2%)
VOS	01/28 (3,5%)	-	06/113 (05%)	-	-	-	07/153 (5%)	-	07/424 (1,7%)
TOTAL	28/153 (18%)	80/271 (30%)	113/153 (73%)	163/271 (60%)	12/153 (09%)	28/271 (10%)	271/271 (100%)	271/271 (100%)	424/424 (100%)

Tabela 2: As estratégias de complementação de 2P distribuídas pelas funções acusativa, dativa e oblíqua.

A quantificação dos dados de pronomes-complemento de 2P evidenciou um total de 424 ocorrências. As formas *te* e *lhe* mostraram-se as mais produtivas com frequências gerais de uso de 53% (225 dados) e 23% (98 dados), respectivamente. O *te* se mostrou bem produtivo nas cartas mineiras e nas cartas cariocas para a expressão da função de *acusativo*, com 79% e 78%, respectivamente. Nas cartas cariocas, o *te*-dativo alcançou alto índice de produtividade com 60%. Esses resultados em relação à produtividade do *te* se coadunam aos de Lopes *et al.* (2011a) que, por sua vez, obtiveram uma alta produtividade de *te*-dativo (56%) nas cartas cariocas dos séculos XIX e XX. Ainda em relação aos resultados gerais, convém comentar a baixa produtividade do *sprep+você*, *zero*, clíticos *o/a* e *sprep+tu* que alcançaram índices percentuais de 4,5% (19 dados), 04% (17 dados), 3,1% (13 dados) e 2,8% (12 dados), respectivamente, ampliando a variedade de estratégias de complementação de 2P. Em relação especificamente aos oblíquos de 2P, verificou-se, dentre as baixas ocorrências levantadas, que as estruturas preposicionadas seguidas por *você* (*com você*, *de você*, *por você*) alcançaram índices de 58% (07 dados), nas cartas mineiras, e 43%, (12 dados) nas cartas cariocas.

Redireciona-se o foco deste trabalho para a relação entre os pronomes-sujeito de 2P e os paradigmas de pronomes-complemento nas funções de *acusativo*, *dativo* e *oblíquo*. Para tal, controlou-se o tipo de pronome de 2P usado na função de sujeito separando as missivas por cartas em que o missivista tratava o seu interlocutor por *tu* (cartas de *tu* exclusivo), por *você* (cartas de *você* exclusivo), por *tu* e *você* (cartas mistas). Somente nas cartas mineiras oitocentistas, foram levantados dados de *Vossa Mercê*, o que motivou o controle de tais ocorrências em um grupo de cartas de *Vossa Mercê*, ou seja, cartas em que o sujeito de 2P foi marcado exclusivamente por tal forma nominal de tratamento.

5.1. As formas variantes acusativas de 2P nas cartas mineiras e cariocas: a prevalência do clítico *te*.

Nesta subseção, busca-se correlacionar o pronome usado na função de sujeito de 2P do discurso ao pronome-complemento na função acusativa. Parte-se da concepção de acusativo como a expressão do tradicional objeto direto.

SUJEITO	FORMAS ACUSATIVAS DE 2P E O SUJEITO DE 2P NAS CARTAS MINEIRAS					
	TE	LHE	A V.M. ^{CE}	VOS	VOCÊ	O/A
Cartas de V.M. ^{ce}	-	01/02 (50%)	01/02 (50%)	-	-	-
Cartas de <i>Você</i>	16/20 (80%)	-	-	01/20 (05%)	02/20 (10%)	01/20 (05%)
Cartas de <i>Tu</i>	03/03 (100%)	-	-	-	-	-
Cartas Mistas (<i>Tu ~ Você</i>)	03/03 (100%)	-	-	-	-	-
TOTAL	22/28 (79%)	01/28 (3,5%)	01/28 (3,5%)	01/28 (3,5%)	02/28 (07%)	01/28 (3,5%)
SUJEITO	FORMAS ACUSATIVAS DE 2P E O SUJEITO DE 2P NAS CARTAS CARIOCAS					
	TE	LHE	O/A			
Cartas de <i>Você</i>	10/23 (44%)	04/23 (17%)	09/23 (39%)			
Cartas de <i>Tu</i>	25/26 (96%)	01/26 (04%)	-			
Cartas Mistas (<i>Tu ~ Você</i>)	27/31 (88%)	02/31 (06%)	02/31 (06%)			
TOTAL	62/80 (78%)	07/80 (09%)	11/80 (13%)			

Tabela 3: Correlação entre as formas acusativas de 2P e o sujeito de 2P nas cartas mineiras e cariocas.

De um modo geral, o clítico *te* é a forma que prevalece nas cartas mineiras de *você*-sujeito, com 80%, nas cartas cariocas de *tu*-sujeito, com 96%, e nas cartas cariocas mistas, com 88%. Ao lado do clítico *te*, tem-se as formas *lhe* (17% (04 dados), nas cartas cariocas de *você*-sujeito), *você* (10% (02 dados), nas cartas mineiras de *você*-sujeito) e *o/a* (05% (01 dado) e 39% (09 dados), nas cartas mineiras e cariocas de *você*-sujeito, respectivamente) como as estratégias de complemento acusativo utilizadas nas cartas analisadas.

Como já evidenciado no gráfico 1, somente as cartas mineiras da 2ª metade do século XIX evidenciaram dados da forma nominal de tratamento *vossa mercê*.

Nessas cartas mineiras, alguns raros usos de *vossa mercê* e *vos* merecem ser descritos: uma única ocorrência de *a vossa mercê* em função acusativa, em carta de *vossa mercê*-sujeito, como se observa em (41), e um único dado do clítico *vos* em função acusativa, numa carta de *você*-sujeito, como se verifica em (42).

41. “Muito prazer terei se minhas indignas letras for encontrar a Va.^{ce}¹¹ gozando...” (MA. M. MG, Camargos, 21.02.1877. (carta mineira))

¹¹ Ao editar essas missivas, Chaves (2006: 181) optou por conservar a abreviatura de “Vossa Mercê” como Va.^{ce}, entendendo-a como a expressão de uma variante abreviativa da forma nominal de tratamento em questão.

42. “Arlindo Saudo-vos desejando mil venturas e toda sorte de felicidade, juntamente a todos que vos são caros. O fim desta, é para voçê ter a bondade mandar a copia si ja tirou ...” (FAS. MG, Gama, 11.05.1911. (carta mineira))

A única ocorrência de *lhe-acusativo* em carta de *vossa mercê-sujeito* foi projetada pelo predicador verbal ‘estimar’, verbo transitivo direto, para o qual a complementação com o *lhe* é considerada tradicionalmente como expressão de ‘sintaxe vulgar’, cf. Luft (2010: 282.).

43. “... Sou seu afilhado que muito lhe estima ...” (FS. MG, Camargos, 05.07.1875. (carta mineira))

Interessante observar as duas únicas ocorrências de *você-objeto* em carta de *você-sujeito* somente na produção escrita mineira novecentista, como está exposto em (44) e (45). Ainda que esporádicas, essas evidências de preenchimento da posição de objeto de 2P com o pronome tônico *você* no lugar do *te* já parecem anunciar, ainda que timidamente na escrita mineira do início do século passado, as seguintes construções nas quais o *você* funciona como complemento acusativo redobrado na fala mineira contemporânea, cf. Duarte *et al.* (2012: 92-93): “Eles *te_i* irrita *ocê_i*”, “Eu vou *te_i*; levá *ocê_i* lá”, “Cê ia ajudar um camarada desse e se os camarada voltar e *te_i* matar *você_i*; também?”.

44. “(...) e brevemente mandarei xamar voce e o Souza...” (FXR. MG, São Caetano de Mariana, 16.02.1917. (carta mineira))

45. “(...) a nave que você pilota há de erguer voo seguro elevando você às alturas...” (JLJ^f. MG, Lambari, 23.10.1924. (carta mineira))

Nas cartas mineiras e cariocas, o clítico de acusativo de 3P se deixa evidenciar, ainda que com baixos índices, na referência ao objeto de 2P. Tais evidências se dão em uma única carta mineira de *você-sujeito*, em cartas cariocas de *você-sujeito* (09 dados) e em cartas mistas (02 ocorrências), como se observa de (46) a (48). Levando em consideração a já atestada perda dos clíticos de acusativo de 3P, cf. Nunes (1993) é interessante ponderar sobre esses dados concretamente realizados por clíticos de acusativo não mais na referência à 3P, mas na referência à 2P, cf. também verificado por Lopes *et al.* (2011a) nas cartas cariocas oitocentistas e novecentistas. Mais significativo ainda é que essa mudança de escopo de atuação dos clíticos acusativos se mostre mais evidente nas cartas cariocas cujas referências aos sujeitos de 2P se dão nas cartas exclusivas de *você-sujeito* e nas cartas mistas (cartas de variação entre os pronomes-sujeito *tu* e *você*). A inserção do *você* no sistema pronominal do PB como um pronome de 2P que convive com o *tu* parece ter repercutido na representação do objeto de 2P (acusativo) que através dos clíticos ‘o’/‘a’ ainda se mantém atuantes, destoando, pois, do seu desuso na expressão da 3P, sobretudo na fala contemporânea, como já verificado em vários trabalhos sobre o PB tais como Cyrino (1993), Freire (2005).

46. “Querida madrinha Fazendo-lhe uma visitinha muito afetuosa venho convida la para assistir à festinha da entrega dos diplomas no próximo dia 30. Terei muito gôsto que você venha.” (CL. Lambari, 25.11.1941. (carta mineira))

47. “É verdade minha cara que uma religiosa como dirá não tem mais estas festas, mas o nosso affecto é sempre o mesmo não podendo esquecer estas caras datas, e será lá no Coração Santíssimo de Jesus (centro do nosso amor) que irei procural-a.” (MA. Rio de Janeiro, Friburgo, 01.08.1909. (carta carioca))

48. “Quanto a mim, o unico motivo que me faz passar algum tempo sem lhe escrever é o receio de Extrahil-o de seus estudos” (ME. Pará, 28.07.1915. (carta carioca))

A esse grupo de ocorrências dos clíticos ‘o’/‘a’ na referência ao objeto de 2P, é possível acrescer mais cinco ocorrências produzidas em duas cartas mineiras enviadas pela poetisa Henriqueta a sua mãe, como se verifica de (49) a (53). Essas cartas foram monitoradas, ainda que a autora não tenha se utilizado das formas *tu* ou *você* para fazer referência à mãe, mas do tratamento

senhora. Em outros termos, como essas cartas não faziam parte do objetivo principal deste estudo, que é o de correlacionar os pronomes de referência ao sujeito de 2P *tu* e *você* aos pronomes-complemento de 2P, foram controladas para serem analisadas qualitativamente. Nesse sentido, verifica-se a sintomática propensão à ampliação do uso dos clíticos `o´/`a´ que perdem a sua funcionalidade na referência ao acusativo de 3P, mas podem alcançar um campo funcional na referência ao objeto de 2P.

49. "... Esta, vae levando, com todo o meu carinho, a alegria de me sentir a sombra do seu, e a pena de não poder abraça-l-a pessoalmente..." (HL. RJ, 09.07.1933. (carta mineira))

50. "... Espero-a no dia 14 fazendo votos para que Abigail já se ache restabelecida, de modo que a Senhora possa vir tranquilla." (HL. RJ, 09.07.1933. (carta mineira))

51. "... Enviando saudades aos nossos, beijo-a affectuosamente assim como a Papae" (HL. RJ, 09.07.1933. (carta mineira))

52. "... E Deus permitta que a Senhora esteja passando bem e que possa voltar logo a esta casa que a espera com tanta saudades." (HL. RJ, 09.07.1933. (carta mineira))

53. "Abraço-a carinhosamente Com grande affecto, sua filha, Henriqueta." (HL. Lambary, 03.10.1935. (carta mineira))

Em síntese: a análise das formas variantes acusativas de 2P (*te*, *lhe*, *o/a*, *você*) expôs a alta produtividade do clítico *te* tanto nas cartas mineiras de *você-sujeito* (80%), quanto nas cartas cariocas de *tu-sujeito* (96%) e mistas (88%) dos séculos XIX e XX, confirmando as considerações de Brito (2001: 172) acerca do *te* ter passado de clítico a afixo de concordância verbo-objeto. Segundo Cyrino (1992), a difusão da próclise teria impulsionado a afixação do *te* ao verbo numa relação de concordância com a 2P do discurso que, por sua vez, se generalizou no PB com o *você*. Nesse sentido, as considerações de Brito (2001) acerca do *te* como afixo se coadunam com a descrição de Castilho (2010) para o *te* como morfema prefixal de pessoa no PB informal. Esse entendimento do *te* como afixo é também assumido por Machado Rocha (2011) para a interpretação das estruturas de redobro de pronomes de 2P. Numa sentença como '*eu te_i falei para você_j*', o clítico de redobro *te* é reanalisado como um prefixo, de 2P que adjacente ao verbo, é capaz de acionar a concordância com o traço de pessoa do pronome *você* ([+ destinatário]). Nesse sentido, entende-se a produtividade do *te* proclítico ao verbo como uma evidência formal que marca a 2P (afixo de 2P), cf. já discutido por Lopes *et al.* (2013).

Enfim, a diversidade de pronomes-complemento acusativo de 2P (*te*, *lhe*, *você*, *o/a*) comprova a fusão de paradigmas de 2P e 3P acionada com a entrada do *você* no sistema pronominal do PB, o que evidencia a quimera da 'uniformidade tratamental' imposta pela *norma-padrão* em descompasso com a *norma de uso* do PB. O filtro da escrita familiar permitiu que dois traços do vernáculo do PB emergissem. São eles: (i) a produtividade do pronome tônico na função de objeto, que na referência à 3P ('*eu vi ele ali*') já é um fenômeno amplamente atestado em dados do PB, parece dar indícios de seu espraiamento, ainda que timidamente nas amostras de escrita novecentista analisadas, para o *você* na função de objeto de 2P ('*xamar voce*', '*elevando você*'); (ii) os clíticos de acusativo de 3P ('*o*'/'*a*'), que está em desuso no vernáculo do PB, na gramática brasileira do português, cf. Galves (1998: 81), se deixa evidenciar como clítico de acusativo de 2P, sobretudo, em cartas de *você-sujeito*.

5.2. As formas variantes dativas de 2P nas cartas mineiras e cariocas: a disputa entre os clíticos *te* e *lhe*.

Considerando a diversificação de formas de referência ao dativo de 2P (*te*, *lhe*, ϕ , *a você* ~ *para você*), cf. verificado por Lopes *et al.* (2011a), e a perda do clítico-dativo *lhe* de 3P, cf. discutido por Gomes (2003) e Freire (2000) com base em dados de falantes não-universitários e de

universitários cariocas, respectivamente, justifica-se que se volte o escopo desta análise não só para a retenção de clíticos (*te*, *lhe*), mas também para a alternância entre as preposições *a* e *para* acompanhadas do *você* em estruturas de complementação dativa de 2P. Com base em dados das Amostras Censo 80 e 2000, Gomes (2003: 87) observou dois fatos interessantes em relação à realização dos pronomes no dialeto carioca: a produtividade de clíticos para os pronomes de 1P e 2P do singular e a ausência de clíticos para as demais pessoas do discurso. No que se refere especificamente à 2P, em foco estão a alternância entre as preposições *a* e *para* aliadas ao *você*, nos sintagmas preposicionados *a você ~ para você*, os clíticos *te* e *lhe* e a expressão nula do dativo (zero).

Passa-se, na tabela 4, à exposição dos resultados acerca da correlação entre o *sujeito* de 2P e as estratégias dativas variantes.

SUJEITO	FORMAS DATIVAS DE 2P E O SUJEITO DE 2P NAS CARTAS MINEIRAS							
	TE	LHE	ZERO	A VOCE	PARA VOCE	A TI	VOS	A V.M. ^{ce}
Cartas de <i>Você</i>	18/60 (30%)	21/60 (35%)	11/60 (18,3%)	08/60 (13,3%)	02/60 (3,3%)	-	-	-
Cartas de <i>V.M.^{ce}</i>	-	07/12 (59%)	01/12 (8%)	-	-	-	-	04/12 (33%)
Cartas de <i>V.M.^{ce}</i> e <i>Senhor</i>	-	01/01 (100%)	-	-	-	-	-	-
Cartas Mistas (<i>Tu ~ Você</i>)	14/18 (78%)	-	02/18 (11%)	01/18 (5,5%)	01/18 (5,5%)	-	-	-
Cartas de <i>Vós e Você</i>	02/08 (25%)	-	-	-	-	-	06/08 (75%)	-
Cartas de <i>Tu</i>	09/14 (65%)	01/14 (7%)	02/14 (14%)	-	-	02/14 (14%)	-	-
TOTAL	43/113 (38%)	30/113 (27%)	16/113 (14%)	09/113 (8%)	03/113 (3%)	02/113 (2%)	06/113 (5%)	04/113 (3%)
SUJEITO	FORMAS DATIVAS DE 2P E O SUJEITO DE 2P NAS CARTAS CARIOCAS							
	TE	LHE	A VOCE	PARA TI	ZERO			
Cartas de <i>Você</i>	11/54 (20%)	42/54 (78%)	01/54 (02%)	-	-			
Cartas de <i>Tu</i>	52/61 (85%)	09/61 (15%)	-	-	-			
Cartas Mistas (<i>Tu ~ Você</i>)	35/48 (73%)	10/48 (21%)	01/48 (02%)	01/48 (02%)	01/48 (02%)			
TOTAL	98/163 (60%)	61/163 (37,6%)	02/163 (1,2%)	01/163 (0,6%)	01/163 (0,6%)			

Tabela 4: Correlação entre as formas dativas de 2P e o sujeito de 2P nas cartas mineiras e cariocas.

Em termos gerais, nas cartas mineiras e cariocas, foram observadas seis estratégias dativas de 2P vinculadas aos pronomes-sujeito *tu* e *você*. Enquanto para as cartas mineiras foram acionadas as formas *te* (38%), *lhe* (27%), *zero* (14%), *a você* (8%), *para você* (3%), *a ti* (2%), para as cartas cariocas, as formas dativas produtivas foram *te* (60%), *lhe* (37%), *a você* (1,2%), *para ti* (0,6%), *zero* (0,6%) e *o/a* (0,6%).

Para as cartas mineiras, tem-se um quadro de variação entre as formas *te* (38%) e *lhe* (27%). Nas cartas mistas e nas cartas de *tu-sujeito*, a forma *te* prevaleceu com índices de produtividade de 78% e 65%, ao passo que, nas cartas de *você-sujeito*, observou-se uma acirrada concorrência entre *te* e *lhe*, com frequências de 30% e 35%, respectivamente, embora o dativo nulo (14%) tivesse se mostrado produtivo, resultado que dialoga com os Lopes *et al.* (2011a: 59) para a produtividade do dativo zero, sobretudo, entre os anos de 1910 e 1920, período em que o *você-sujeito* mostra-se mais produtivo nas cartas cariocas. Ainda que inexpressiva, nas missivas mineiras, a frequência de uso da forma *a ti* (02 ocorrências - 14%) se deu nas cartas exclusivas de *tu*. No que se refere à alternância *a você ~ para você*, apesar dos baixíssimos índices percentuais (08% e 03%, respectivamente), observou-se o *a você dativo* como a forma privilegiada, evidenciando o conservadorismo das missivas mineiras, sobretudo, nas cartas de *você-sujeito* (08 ocorrências - 13,3%).

Considerando que somente nas cartas mineiras foram levantadas ocorrências de *vossa mercê*, observa-se que, em tais cartas, o *lhe* prevaleceu, em 59% dos dados (07 ocorrências), dividindo o seu espaço funcional com a forma *a vossa mercê* (33% - 04 ocorrências) e o dativo nulo (08% - um único dado), como se observa de (54) a (56). Nas cartas de *vossa mercê* e *senhor*, verifica-se somente uma única ocorrência do *lhe-dativo*. Já em cartas de *vós* e *você*, ainda que minoritariamente (02 ocorrências), tem-se o *te-dativo* e o clítico *vos* (06 ocorrências), como se nota, respectivamente de (57) a (60).

54. "... pello sr. Joze Emerençiano Gomes envio-lhe o papel ..." (FS. Camargos, 05.07.1875. (carta mineira))
55. "... o Furtunato ainda não vai pasando bem peço a vossa merce para fazer me o favor de mandar para mim..." (MAS. Camargos, 15.02.1877. (carta mineira))
56. "... mandem 50 cravos que estou com os animais do finado he o que tenho a dizer \emptyset ..." (FLC. 05.03.1882. (carta mineira))
57. "... Sua prima lhe remete huma arroba de arameta para o Senhor fazer o favormandar vender a 32 a libra..." (FLC. 01.09.1872. (carta mineira))
58. "... não poso ser mais extenca no mais peso dar-te recomendações a todos dahi emparticular..." (MEVB. Gama, 05.07.1904. (carta mineira))
59. "... envio te minhas saudades..." (MEVB. Gama, 05.07.1904. (carta mineira))
60. "... dizendo-me ter sido Voce intimado ... Eu estou mui pertinho da Capital como sabeis, se precisar de alguma coisa relativamente dos vossos negócios, peço-vos escrever-me que estou prompto a ir á Belo Horizonte entender-me a respeito." (AS. Sabará.10.07.1907. (carta mineira))

Nas cartas cariocas, são identificados níveis percentuais mais expressivos de concorrência entre as formas *te* (60%) e *lhe* (37,6%). Observa-se que nas cartas de *você-sujeito*, o *lhe* prevalece (78% - 42 ocorrências). A preferência pelo *te* com frequências de 85% (52 ocorrências) e 73% (35 ocorrências), respectivamente, expõe o *te-dativo* à serviço do contexto de confluência entre as formas dos paradigmas de *você* e de *tu*, como se verifica de (61) a (63). As estratégias *a você, para ti* e *dativo nulo* evidenciaram baixíssimas frequências de uso. De (64) a (67), respectivamente, ilustram-se tais ocorrências.

61. "Já Você percebe que se tracta de algum patronatoninho ... O meu Jarbas lhe manda pedir uma fotografia da immortal madame Linch..." (FO. RJ, 08.04.1869. (carta carioca))
62. "... Voce diga a Tumoja que eu agradomuito os biscoitos que ella me mandou ... Eu te offereco esta goiabada para voce cumer nu lanche ..." (AC. 17.11.1877. (carta carioca))
63. "... Heide tambem enviarte um dicionario em portugues para acertares, no escrever, com algumas palavras de que não estejas muito certa. ..." (JP. Linda Vista, 26.07.1885. (carta carioca))
64. "... Pasei a manhã muito agradável escrevendo a Você parece que estavas aqui" (MR. La Plata, 01.02.1948. (carta carioca))
65. "... Quando eu for levarei alguma lembrança para ti e teus maninhos." (JP. RJ, 08.07.1895. (carta carioca))
66. "... O Padre Castello vae enviar-te logo todos os numeros do Mensageiro, desde Janeiro, e depois a brochura não só para ti mas tambem uma para cada uma de nossas irmãs." (FPCAM. Bélgica, Enghien, 17.09.1925 (carta carioca))
67. "... Emfim querido Irmão somos todos felizes não é? ... A graça que \emptyset pedi que pedisse na missa em serto modo já alcancei ..." (MB. SP, 22.10.1925. (carta carioca))

Passa-se aos gráficos 3 e 4, a partir dos quais é possível acompanhar as distribuições das estratégias de dativo de 2P produtivas entre os anos 1850 e 1950, nas cartas mineiras e cariocas, visto que o contexto de complementação dativa mostrou-se o mais produtivo, com frequências de

uso de 73% e 60% para as missivas mineiras e cariocas, respectivamente, cf. totais expressos na tabela 2.

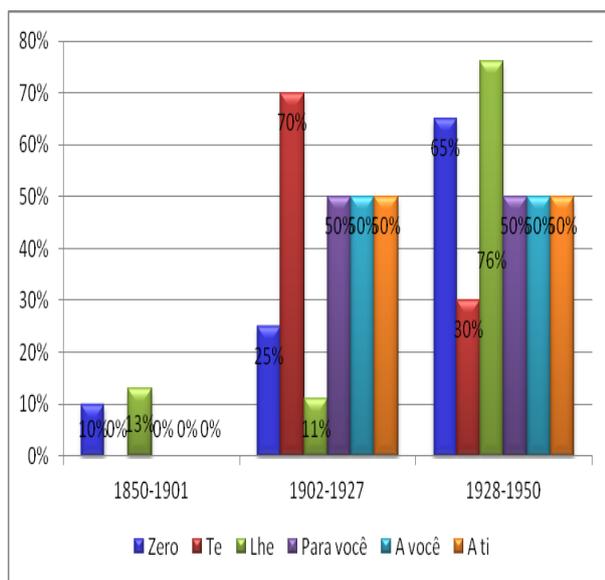


Gráfico 3: As formas de pronomes-complemento dativo de 2P nas cartas mineiras.

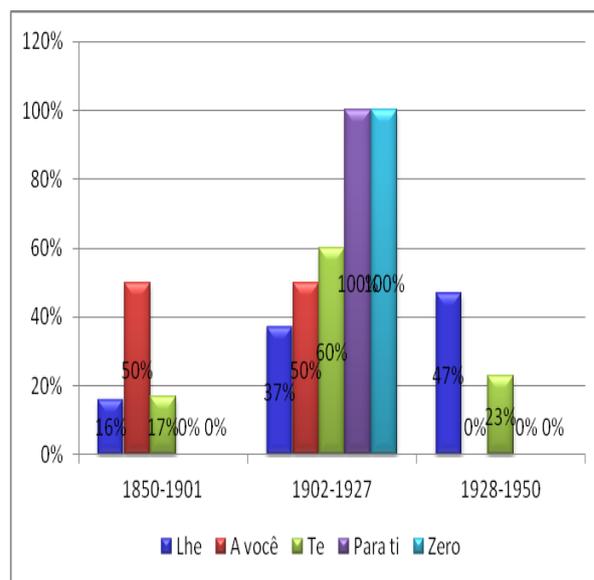


Gráfico 4: As formas de pronomes-complemento dativo de 2P nas cartas cariocas.

Os gráficos 3 e 4 evidenciam um painel de diversificadas estratégias de complementação dativa distribuídas pelas fases I (1850-1901), II (1902-1927) e III (1928-1950) das produções escritas de cariocas e mineiros. Nas cartas mineiras, observa-se a real concorrência entre as formas *lhe*, *dativo nulo* e *te*, cabendo às demais estratégias (*para você*, *a você*, *a ti*) frequências inexpressivas em virtude do baixíssimo número de ocorrências. Verifica-se não só o aumento progressivo do *lhe* dativo que com 13% (fase I) passa a 76% (fase III), ainda que, na fase II, tenha sofrido um leve decréscimo (11%), mas também o avanço do dativo nulo (10% (fase I) → 25% (fase II) → 65% (fase III)). O período de maior produtividade do clítico *te* é a fase II, entre os anos de 1902 e 1927, momento em que o *você* parece tomar fôlego para se inserir, entre 1925 e 1945, com mais força como pronome de 2P no sistema pronominal do PB, cf. Rumeu (2013).

Nas cartas cariocas, a competição se dá entre os clíticos *lhe* e *te* dativos, sendo reservado, às demais estratégias de complementação dativa (*para ti* e *zero*), baixíssimos índices de produtividade. Na 2ª metade do século XIX (1850-1901), observa-se que as formas *te* e *lhe* assumem baixas frequências de uso de 16% e 17%, respectivamente. Para a fase II (1902-1927), tem-se o aumento progressivo do *lhe*, com produtividade de 37%, também acompanhado de um considerável avanço do *te* que alcança 60% de frequência de uso. Entre 1928 e 1950, verifica-se que *lhe* e *te* assumem comportamentos distintos: enquanto o *lhe* continua em ascendência, com 47%, o *te*, sofre um declínio, passando de 60% a 23% de produtividade na fase III.

Em suma: o período que compreende os anos de 1902 a 1927 mostrou-se como a fase de ascensão gradual do *você-sujeito*, sobretudo, nas cartas mineiras, bem como o momento de ascensão do *te-dativo* nas cartas mineiras e cariocas, alcançando índices de 70% e 60% nas cartas mineiras e cariocas da fase II (1902-1927), respectivamente, ainda que o *lhe* esteja em ascendência nas cartas e períodos controlados (MG (13% → 11% → 76%), RJ (17% → 37% → 47%)). Nas cartas mineiras, o *te-dativo* se espalha pelas cartas de *tu-sujeito*, de *você-sujeito* e mistas (*tu ~ você*), ao passo que, nas cartas cariocas, o *te-dativo* se dissemina com maior força pelas cartas mistas (*tu ~ você*). O fato de o período de maior produtividade do *você-sujeito*, a partir da fase II (1902 e 1927), ser também o momento em que *te* e *lhe* disputam o mesmo espaço funcional como complementos de 2P coincide com o período em que o PB passou por um processo de reorganização do seu sistema pronominal

em virtude da inserção do *você*, que segundo Rumeu (2013: 278) se deu entre os anos 25 e 45 do séc. XX.

5.3. As formas variantes oblíquas de 2P nas cartas mineiras e cariocas: contexto de propagação do *você*.

Os complementos verbais oblíquos são estruturas preposicionadas caracterizadas formalmente como tônicas, avessas à cliticização e que, sintaticamente, não desempenham relações gramaticais centrais, visto não serem argumentos verbais obrigatórios tais como o objeto direto (caso acusativo) e o objeto indireto (caso dativo), correspondentes que são à expressão da sintaxe dos casos *genitivo* e *ablativo* latinos. Para este trabalho, foram levantados os oblíquos de 2P que, por sua vez, são projetados pela grade argumental dos verbos na forma de SPREPs não-dativos, articulados ao verbo de forma nuclear, complementando-os obrigatoriamente (*oblíquo nuclear*, cf. Mateus *et al.* (2003: 169) como o tradicional *complemento relativo* ('*preciso [de você]*') nos termos de Rocha Lima (1972)) ou opcionalmente (*oblíquo não nuclear* ('*vivo muito bem [sem você]*')), projetado este, pois, no nível da adjunção, cf. discutido por Mateus *et al.* (2003). Expõem-se, na tabela 5, os resultados da correlação entre o *sujeito* de 2P e as estratégias oblíquas de complementação verbal variantes nas cartas em análise.

SUJEITO	FORMAS OBLÍQUAS DE 2P E O SUJEITO DE 2P NAS CARTAS MINEIRAS				
	SPREP.+VOCÊ	PARA VOCÊ	SPREP.+TU	SPREP.+ V.M. ^{ce}	
Cartas de V.M. ^{ce}	-	-	-	01/01 (100%)	
Cartas Mistas (Tu ~ Você)	02/02 (100%)	-	-	-	
Cartas de Você	06/08 (75%)	02/08 (25%)	-	-	
Cartas de Tu	-	-	02/02 (100%)	-	
TOTAL	07/12 (58%)	02/12 (17%)	02/12 (17%)	01/12 (8%)	
SUJEITO	FORMAS OBLÍQUAS DE 2P E O SUJEITO DE 2P NAS CARTAS CARIOCAS				
	SPREP.+ VOCÊ	SPREP.+TU	PARA VOCÊ	A TI	PARA TI
Cartas de Você	02/07 (29%)	03/07 (42%)	02/07 (29%)	-	-
Cartas de Tu	01/09 (11%)	06/09 (67%)	01/09 (11%)	-	01/09 (11%)
Cartas Mistas (Tu ~ Você)	09/12 (75%)	01/12 (8,3%)	01/12 (8,3%)	01/12 (8,3%)	-
TOTAL	12/28 (43%)	10/28 (36%)	04/28 (14%)	01/28 (3,5%)	01/28 (3,5%)

Tabela 5: Correlação entre as formas oblíquas de 2P e o sujeito de 2P nas cartas mineiras e cariocas.

Nas cartas mineiras e cariocas, as estratégias oblíquas de 2P constituídas pelo *você* prevaleceram (*sprep.+você*), alcançando as frequências globais de 58% e 43%, cf. se observa de (68) a (72).

68. "... Não pude dormir esta noite. A madrugada sonhei muito com voce..." (São Caetano, 14.10.1912. (carta mineira))

69. "... Amigo João Lino passo-te estas pistolas linhas para sâber as tuas boas notícias ... Lino se tocar nisto com você... diga a elle que é verdade..." (São Caetano, 14.07.1916. (carta mineira))

70. "... Por *exemplo* - eu proprio, que gôsto muito deVocê sempre minha amiguinha, a *minha* primeira nettinha ..." (JP. RJ, 08.07.1895. (carta carioca))

71. "... De você então ella fala com tanto carinho!..." (ZC. RJ, 27.11.1914. (carta carioca))

72. "... Minha Isa eu preciso tanto conversar com você. ..." (JP. Fortaleza, 10.09.1919. (carta carioca))

Nas cartas mineiras de *você-sujeito* e mistas (*tu ~ você*) foram privilegiadas as estratégias oblíquas de 2P constituídas por *sprep.+você* com índices de 75% (07 ocorrências) e 100% (02 ocorrências), respectivamente. As estratégias *para você* e *sprep.+tu* mostraram-se em somente duas

ocorrências, como está ilustrado de (73) a (76). Nas cartas mineiras de *vossa mercê-sujeito*, foi levantado um único dado de *sprep.+v.m^{ce}*, como se observa em (77).

73. "...Quebro para você o meu habito carranca de não felicitar qualquer..." (JLJ^r. Lambari, 23.10.1924. (carta mineira))
74. "... e para voce tem cem cruzeiros..." (Sinhá. 29.12.1944. (carta mineira))
75. "... Em infancia pus-me a lembrar de ti..." (MLB. Lambari, 04.08.1941. (carta mineira))
76. "... tenho pensado muito em ti..." (HL. RJ, 06.07.1933. (carta mineira))
77. "... mas só quando eu tiver com Vossamerce hei de lhe dizer com mais vagar..." (MAS. Camargos, 15.02.1877. (carta mineira))

Nas cartas cariocas, as construções oblíquas formadas por *sprep.+você*, sobretudo, nas cartas mistas, com 75%, concorreram com o *sprep.+tu*, com 67%, nas cartas de *tu-sujeito*, cf. está ilustrado em (78) e (79). Baixíssimas ocorrências foram reservadas às formas *para você*, *a ti* e *para ti*, que se deixaram evidenciar nas cartas de *você-sujeito*, cartas mistas e nas cartas de *tu-sujeito*, respectivamente, cf. se observa de (80) a (82).

78. "... Tia Mimi me telephona sempre e pergunta todas as vezes por Você..." (MJ. RJ, 05.09.1933. (carta carioca))
79. "... mas é para meu conforto, que muito preciso de ti..." (MJ. PE, Recife, 20.06 e 08.08.1928. (carta carioca))
80. "... porque isto seria para Você um martyrio." (FO. RJ, 31.05.1869. (carta carioca))
81. "... Estou me unindo bem a ti..." (ZC. RJ, 27.11.1912. (carta carioca))
82. "... é estar no logar que Deus escolheu para ti no concerto harmonioso dos sacerdotes. ..." (JP. Vila Antonio Dias, MG, 21.09.1925. (carta carioca))

Em suma: Para as estratégias oblíquas de 2P, observa-se a prevalência de sintagmas preposicionados formados pelo inovador *você*, principalmente, nas cartas mineiras de *você-sujeito* e nas cartas cariocas mistas, o que parece já demonstrar as estratégias oblíquas como uma outra 'porta de acesso' do *você* ao sistema pronominal do PB.

6. Considerações finais

A análise da dinâmica variável dos pronomes-sujeito *tu* e *você* em relação às estruturas de complementação verbal de 2P conduz a algumas generalizações em resposta às questões norteadores deste trabalho.

- (1) As cartas mineiras e cariocas, entre 1850 e 1950, já evidenciaríamos os subsistemas tratamentais atualmente vigentes na atual sincronia do PB: Minas Gerais (*você*) e Rio de Janeiro (*você ~ tu*)?

As cartas mineiras e cariocas oitocentistas e novecentistas permitiram evidenciar os subsistemas tratamentais atualmente vigentes na atual sincronia do PB: Minas Gerais (*você*) e Rio de Janeiro (*você ~ tu*), confirmando a hipótese principal deste trabalho de que vestígios dos atuais subsistemas tratamentais já estariam visíveis em sincronias passadas do PB.

- Para as cartas mineiras, ainda se observam, na 2^a metade do século XIX, ocorrências de *vossa mercê* que vão sendo substituídas pela sua contraparte gramaticalizada *você* à medida que se avança pelo século XX. Ainda na 1^a metade do século XX, o *tu* convive com o majoritário *você*, nas missivas produzidas entre 1928 e 1950. Essa prevalência do *você*, atestada por Figueiredo (2013) em relação ao desenrolar do século XX (1900-1969), já anunciava a sua propagação pelo espaço mineiro, cf. discutido por Lopes *et al.* (2013) à luz de cf. Scherre *et al.* (2009).

- Para as cartas cariocas, observa-se que, na 2^a metade do século XIX, o *tu* era a estratégia preferida para evocar o sujeito de 2P, sendo substituída, gradual e paulatinamente, a partir de 1928, pelo *você*. O fato de o *você* e o *tu* terem se mostrado como formas concorrentes para a referência ao sujeito de 2P, em 1950, parece já anunciar o subsistema que, cf. observado por Lopes *et al.* (2011a), atualmente vige no espaço carioca: o de variação entre os pronomes-sujeito *tu* e *você*.

(2) Qual seria o grau de produtividade dos clíticos *te* e *lhe* em missivas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas? E essa produtividade prevaleceria em cartas de *tu-sujeito*, de *você-sujeito* ou mistas?

Considerando que a inserção do *você* no sistema pronominal do PB não atingiu com a mesma intensidade e ao mesmo tempo todo o quadro pronominal (pronomes pessoais do caso reto, pronomes oblíquos átonos e tônicos e pronomes possessivos), cf. Lopes *et al.* (2011a), tecem-se também algumas generalizações com base na análise da correlação entre *tu* e *você* e as estratégias de complementação verbal de 2P (*te*, *lhe*, *a você*, *para você*, *o/a*, *a ti*, *para ti*) nas cartas mineiras e cariocas produzidas entre 1850 e 1950.

- O avanço do *você-sujeito* no sistema pronominal do PB se deu, sobretudo, nas cartas mineiras (72%), enquanto o *te* mostrou-se resistente alcançando os maiores índices de 80%, 96% e 88% nas estruturas de complementação acusativa das cartas mineiras de *você-sujeito*, cariocas de *tu-sujeito* e cariocas mistas, respectivamente.

- Nas estruturas dativas de 2P, observou-se que o *te* também predominou, ainda que em concorrência com o *lhe*, nas cartas mineiras e cariocas. Nas cartas mineiras, o *te* prevalece nas cartas mistas (78%) e nas cartas de *tu-sujeito* (65%). A alternância *te* ~ *lhe* se mostrou, nas cartas mineiras de *você-sujeito*, com índices percentuais de 30% e 35%, respectivamente. Nas cartas cariocas, enquanto o *te* se mantém produtivo nas cartas de *tu-sujeito* (85%) e mistas (73%), o *lhe* apresenta maior frequência de uso nas cartas de *você-sujeito* (78%).

- Ainda sobre a expressão de complementação dativa, verificou-se que o *lhe* prevalece nas cartas de *você-sujeito* mineiras (32%) e cariocas (78%) também acompanhado pelo avanço progressivo do dativo nulo (10% (1850-1901) → 25% (1902-1927) → 65% (1928-1950)) nas cartas mineiras de *você-sujeito*.

- Diante do diversificado panorama de estratégias de complementação de 2P (*te*, *lhe*, *você*, *o/a*, *a você*, *para você*, *sprep.+você*, *sprep.+tu*, *a ti*, *para ti*), as formas *te* e *lhe* vinculadas aos pronomes *tu* e *você* se mostraram como as formas mais produtivas nas cartas mineiras e cariocas, produzidas entre 1850 e 1950, evidenciando, não só a altíssima proficiência do *te* em estruturas de acusativo e de dativo, confirmando o caráter de *morfema prefixal de pessoa* que *lhe* foi atribuído por Castilho (2010) e Machado Rocha (2011), mas também a confluência entre os paradigmas de 2P e 3P através da variação *te/lhe* em estruturas de complementação de 2P.

(3) Qual seria a relação entre o avanço do *você-sujeito* e a retenção do *te-complemento* em missivas cariocas e mineiras trocadas entre 1850 e 1950?

- De modo geral, o clítico *te* mostrou-se como a estratégia de complementação acusativa e dativa mais usada tanto nas cartas mineiras, quanto nas cariocas, com maior nível de produtividade entre os anos de 1902 e 1927, em contexto de complementação dativa, alcançando a frequência de uso de 70% nas cartas mineiras. Esse período coincide com o momento em que o *você-sujeito* começa a ser a estratégia de referência à 2P preferida nas cartas analisadas, harmonizando-se também com o momento de reorganização do sistema pronominal do PB com a inserção do *você* entre os anos 25 e 45 do século XX, cf. Rumeu (2013: 278).

O fato de as cartas oitocentistas e novecentistas terem sido produzidas por brasileiros, em sua maioria cultos, de espaços geográficos plurilíngues como são os contextos mineiro e carioca, só tende a evidenciar a convivência do *você-sujeito* com *te/lhe* como consequência de um processo de mudança categorial envolvendo a origem de um novo pronome de 2P (*vossa mercê* > *você*) que formalmente se harmoniza com formas de 3P, ainda que semanticamente evoque a 2P do discurso. Neste trabalho, o rastreamento das mudanças nos subsistemas tratamentais que atualmente distinguem diatopicamente os espaços mineiro (subsistema de prevalência do *você-sujeito*) e carioca (subsistema de variação entre *você* e *tu*) também expuseram a dinâmica variável dos pronomes-complemento de 2P *te* e *lhe* já nas eras oitocentista e novecentista do PB.

Referências Bibliográficas:

- Almeida, Napoleão Mendes de. 1957. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, 9ª ed. São Paulo, Ed. Saraiva.
- Almeida, Napoleão Mendes de. 2013. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, 46ª ed. São Paulo, Ed. Saraiva.
- Barcia, Lucia Rosado. 2006. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Bagno, Marcos. 2011. *Gramática pedagógica do português brasileiro*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Biderman, Maria Teresa Camargo. 1972-1973. Formas de Tratamento e Estruturas Sociais. *Alfa*. São Paulo: FFCL de Marília, n° 18/19, p. 339-381.
- Brito, Onilda Regina Marchioni de. 1999. *A variedade do uso dos pronomes de 2ª pessoa em função de objeto no falar rural do Estado do Paraná*, Ms., Londrina, UEL.
- Brito, Onilda Regina Marchioni de. 2001. "Faça o mundo te ouvir". *A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Inédita.
- Chaves, Elaine. 2006. *Implementação do Pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. Inédita.
- Castilho, Ataliba Teixeira de. 2010. *Nova Gramática do Português Brasileiro*, São Paulo, Editora Contexto.
- Cintra, Luís F. Lindley. 1972. *Sobre "Formas de Tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18.
- Conde Silvestre Juan Camilo. 2007. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos.
- Cunha, Celso 1985. *A Questão da Norma culta*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Cunha, Celso e Luís F. Lindley Cintra. 1985. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cyrino, Sonia Maria Lazzarini. 1992. *Observações sobre a aquisição de clíticos no português do Brasil*. ms.

- Cyrino, Sonia Maria Lazzarini. 1993. *Observações sobre a mudança diacrônica no português brasileiro*, em I. Roberts; M. A. Kato (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP: 163-184.
- Duarte, Maria Eugenia Lamoglia. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil, em I. Roberts e M. Kato (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas, Ed. da UNICAMP: 107-128.
- Duarte, Maria Eugenia Lamoglia. 2012. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*, São Paulo, Parábola Editorial, 2012.
- Duarte, Fábio Bonfim e Carolina Ribeiro Diniz. 2012. Eu te falei para você: redobro de pronomes?, em J. M. Ramos; S. Coelho, (Org.). *Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais*, São Paulo, Mercado de Letras: 91-102.
- Figueiredo, Raíssa. 2013. *A alternância 'u' e 'você' em cartas familiares e amorosas novecentistas*, Monografia de fim de curso de Graduação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. Inédita.
- Freire, Gilson Costa. 2000. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Freire, Gilson Costa. 2005. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Galves, Charlotte. 1998. A gramática do português brasileiro. *Línguas e instrumentos linguísticos*, São Paulo, Pontes Editores: 79-96.
- Gomes, Christina Abreu. 2003. Variação e Mudança na Expressão do dativo no português brasileiro, Em M. da C. Paiva e M. E. L. Duarte (org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro, FAPERJ/Contracapa: 81-96.
- Guy, Gregory e Ana Zilles. 2007. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Hernández-Campoy, Juan Manuel; J. C. Conde-Silvestre. (2014 [2006]). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Wiley Blackwell.
- Hopper, Paul John. 1991. On some principles of grammaticalization, em E. C. Traugott e B. Heine (eds.). *Approaches to grammaticalization*, Volume I, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company: 17-35.
- Labov, William. 1981. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*. 57, p. 267-309.
- Labov, William. 1994. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Oxford, Blackwell.
- Leite, Yonne e Dinah Callou. 2002. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lobo, Tânia Conceição Freire. (2001) *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. Volume II.
- Lopes, Célia Regina dos Santos; Márcia Cristina de Brito Rumeu e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro. 2013. A configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. *Revista do GELNE*, V. 15, p. 187-212.
- Lopes, Célia Regina dos Santos, Camila Duarte Souza e Thiago Laurentino de Oliveira. 2012. *O tratamento pronominal de 2ª pessoa e as formas alternantes oblíquas: analisando a variação linguística em cartas pessoais dos séculos XIX-XX*. Anais do VI Simpósio Internacional de estudos de Gêneros Textuais. Natal, Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/visiget/>.
- Lopes, Célia Regina dos Santos e Sílvia Regina Cavalcante. 2011a. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te, *Revista Lingüística*, Madrid, v. 25: 30-65.
- Lopes, Célia Regina dos Santos e Leonardo Lennertz Marcotulio. 2011b. O tratamento a Rui Barbosa, em D. I. Callou e A. G. Barbosa, *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: 265-292.

- Lopes, Célia Regina dos Santos, Leonardo Lennertz Marcotulio e Márcia Cristina de Brito Rumeu. 2011c. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático, em C. R. dos S. Lopes e L. R. Couto (Org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. 1ª ed. Niterói, Editora da UFF: 315-348.
- Lopes, Célia Regina dos Santos e Ana Carolina Morito Machado. 2005a. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós, em C. R. S. Lopes (org.). *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*, Rio de Janeiro, UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas, FAPERJ: 45-66.
- Lopes, Célia Regina dos Santos, Letícia Rebolo Couto e Maria Eugenia Lamoglia Duarte. 2005b. Como as pessoas se tratam no cinema latino-americano: análise de formas de tratamento em roteiros de três países, em *Actas do XIV Congresso internacional da ALFAL*, volume 2, Monterrey, Santiago de Chile: 01-14.
- Lopes, Célia Regina dos Santos e Maria Eugenia Lamoglia Duarte. 2003. De Vossa Mercê a Você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas, em S. F. Brandão; M. A. Mota (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. 1ª ed. Rio de Janeiro, In-Fólio: 61-76.
- Lucchesi, Dante e Elisângela Mendes. 2009. A flexão de caso dos pronomes pessoais, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 471-488.
- Luft, Celso Pedro. 2010. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática.
- Machado, Ana Carolina Morito. 2006. *A implementação de "Você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Machado, Ana Carolina Morito. 2011. *As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX*, Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inédita.
- Machado Rocha, Ricardo. 2011. *Morfossintaxe de Caso nos Pronomes Pessoais do PB/MG atual*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. Inédita.
- Marcotulio, Leonardo Lennertz. 2010. *Língua e História: o 2 marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. v. 1. Rio de Janeiro, Ítica Comunicações, 215p.
- Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito; Inês Duarte e Isabel Hub Faria. 2003. *Gramática da língua portuguesa*, 2ª ed, Lisboa, Caminho: 160-175.
- Mollica, Maria Cecília, Maria Luiza Braga (Orgs.). 2004. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, São Paulo: Contexto.
- Moura Neves, Maria Helena. 2008. *Gramática de usos do português*, São Paulo, Editora de UNESP.
- Mota, Maria Alice. 2008. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Inédita.
- Nascimento, André Marques do. 2009. Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com as origens do português brasileiro, *Domínios de Lingu@gem*. Ano 3, n. 2: 36-74.
- Nascentes, Antenor. 1950. Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX. *Revista portuguesa de filologia*. Coimbra: Casa de Castelo Editora, Volume III: 52-68.
- Nascentes, Antenor. 1956. O tratamento de VOCÊ no Brasil. *Letras*. Curitiba: N^{os} 5-6: 114-22.
- Nunes, Jairo. 1993. Direção de Cliticização, Objeto Nulo e Pronomes Tônicos na Posição de Objeto em Português Brasileiro, em I. Roberts e M. Kato (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas, Ed. da UNICAMP: 207-222.
- Paiva, Maria da Conceição e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. 2003. Mudança linguística: observações no tempo real, em Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto: 179-190.

- Pereira, Rachel de Oliveira. 2012. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inédita.
- Priore, Mary del. e Renato Pinto Venâncio. 2010. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo, Planeta.
- Ramos, Conceição de M. A. 1998. *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo do português brasileiro/espanhol peninsular*, Tese de doutorado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. Inédita.
- Robinson, J.; H. Lawrence & S. Golvdvarb Tagliamonte. 2001. A multivariate analysis application for Windows. York: 2001. <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/manual/manualOct2001.html>. Acesso em: Outubro de 2001.
- Rocha Lima, Carlos Henrique da. [1972] 2002. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- Romaine, Suzanne. (1982 [2010]). *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge University Press. New York.
- Rumeu, Márcia Cristina de Brito. 2004. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rumeu, Márcia Cristina de Brito. 2012. *Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX*, *Revista Veredas* (UFJF), Volume 16, n. 2: 36-55.
- Rumeu, Márcia Cristina de Brito. 2013. *Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 308p.
- Silva, Érica Nascimento. 2012. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Scherre, Maria Marta Pereira; Nívia Naves Garcia Lucca, Edilene Patrícia Andrade Dias, Carolina Queiroz e Germano Ferreira Martins. 2009. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro, Comunicação apresentada no *II SIMELP*, Universidade de Évora.
- Vitral, Lorenzo e Jânia Ramos. 2006. *Gramaticalização: uma abordagem formal*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/Editora da FALE/UFMG.